

Dante Cultural



Ano VIII - Número 20 - Março de 2012

ISSN 1980-637X

A Itália em nossos palcos

A chegada de atores, empresários e diretores italianos durante a década de 50 colaborou imensamente para o desenvolvimento do teatro brasileiro e tornou-se um marco na história dessa arte por aqui

Sérgio Cardoso, Cécilia Becker e Nydia Lícia em "Entre Quatro Paredes", peça de 1950

Entrevista:

A ex-aluna Renée Castelo Branco conta sua experiência no jornalismo e mostra que o segredo do sucesso na carreira é o constante aprendizado

Renascimento:

Em dois livros publicados recentemente, Giorgio Vasari, que inaugurou a história da arte como a conhecemos, conta a vida de Michelangelo e passagens do Renascimento

Trentino Alto-Adige:

As influências da cultura alemã no turismo e na gastronomia dessa região italiana



Colégio Dante Alighieri:

há mais de **100 anos** construindo o futuro.

GRAPPA



Qualidade no ensino, tradição e pioneirismo.

Inovação: Laboratórios de Projetos Tecnológicos e lousas digitais em todas as salas.



HORTA



TURMA DO HIGH SCHOOL

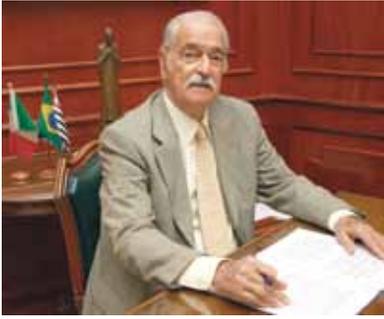


MUSEU

Educação Infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio, opção de High School a partir do 9º ano e atividades extracurriculares.

2012: Primeiro ano do 2º Centenário

Mensagem do Presidente



À Turma de 2012 (indicação do patrono)

Jubilosamente, a partir de 2010, vimos elegendo a cada ano um patrono para o conjunto das 3as séries do Colégio Dante Alighieri. Naquele primeiro ano, indicamos para o posto de grão-

tutor da respectiva turma o ex-aluno Miguel Reale, cujo currículo contemplou, também, o casamento com a ex-aluna Nuce (Filomena) Pucci – colegas que eram de turma no então *Istituto Medio Italo-Brasiliiano Dante Alighieri*. Um dos maiores mestres do Direito, meu professor no Largo de São Francisco, o maior filósofo pátrio, no mesmo ano do centenário de seu nascimento, viu seu nome reverenciado na Escola que o acolheu como aluno interno. No ano antecedente à celebração dos cem anos do Dante, sua filha Ebe Reale deu início à composição de uma narrativa histórica do Colégio, que teve como título *Dante Alighieri: um século de História, Cultura e Educação*.

Aos 9 de julho de 2011, ouviu-se o soar de cem baladas. Que nome poderia imortalizar a respectiva turma que nos deixaria? Nosso rico passado falou-me aos ouvidos: Cesar Mansueto Giulio Lattes!

Contemporâneo a mim, ele, quatro anos mais velho, assaltou-me os pensamentos de forma tão eloquente que se dissiparam as dúvidas. Ele, o ex-aluno, cientista internacional, com láurea, daria assim seu nome à Turma do Centenário. Conheci-o pessoalmente, jogando, com ele, futebol de rua com bola de meia... Na revista *InCiência*, lançada neste ano, podem-se encontrar mais referências que lá faço também a ele.

Agora, ingressamos na longa caminhada para os duzentos anos. Mercê de Deus, somos nós, ex-alunos, a conduzir, com o apoio do Conselho e da Diretoria Executiva, os primeiros passos do segundo centenário com os olhos voltados para um horizonte assinalado por inúmeras metas a serem alcançadas.

Eis agora a turma que transporá o primeiro ano do segundo centenário: a turma de 2012! Que ex-aluno poderia ser guiado a ocupar o magistral posto de patrono dessa mesma turma? Foi difícil a eleição. Desfilaram centenas deles no meu pensamento.

Eis que me veio à memória um cientista do campo médico, o ex-aluno Liberato João Affonso Di Dio. Tive a ventura de conhecê-lo pessoalmente, por ser ele colega e amigo de meu irmão Leonardo. Ambos, contemporâneos no Colégio Dante Alighieri, foram estudiosos da cadeira de Anatomia. Para Liberato, “medicina sem anatomia não é medicina”.

Como alicerce a essa indicação, exponho aqui alguns dados do seu *curriculum vitae*:

Liberato João Affonso Di Dio, MD, DSc, PhD, nascido em 11 de maio de 1920, no bairro do Jabaquara, na cidade de São Paulo, Brasil, onde concluiu os cursos elementar, ginásial, colegial e universitário, todos “Summa cum Laude”. Foi

aluno e professor no Colégio Dante Alighieri, diplomou-se em Medicina, com Doutorado na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (turma 1945), onde foi assistente e professor livre docente de Anatomia da mesma instituição (1946-54). Nesta fez aperfeiçoamento em Embriologia (1950); na Itália, especializou-se em Cariometria e Histofofotometria (1955) e em Linfologia (1958); nos Estados Unidos, em Biologia Molecular e Microscopia Eletrônica (1960-61), tendo estudado nas Universidades de Washington, Harvard e Rockefeller. Foi professor catedrático de Anatomia na Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais (1954-63) e diretor do Instituto de Morfologia (1962-63).

Professor de Anatomia da Northwestern University (1963-67), fundador e catedrático do Medical College of Ohio (1967-88), diretor da Graduate School (1972-86), pró-reitor do Medical College of Ohio (1988-91), onde foi professor emérito e diretor emérito (1990-92), professor visitante da Escola Paulista de Medicina (1991-94), vice-presidente da Mantenedora da Universidade Santo Amaro em São Paulo, professor de Anatomia Cirúrgica e Metodologia Científica (1994-2004), Consultor Científico do Instituto do Coração de São Paulo, Hospital das Clínicas de São Paulo e da Faculdade de Medicina da USP (1997-2004), afora ter ministrado aulas de anatomia em dezenas de instituições médicas no Brasil e no mundo.

Prêmios e Distinções: Rockefeller Foundation (1945), Prêmio Alvarenga da Academia Nacional de Medicina (1956 e 1980), Grande Oficial da Ordem do Mérito Médico do Braál (1957), Comendador da República da Itália (1958), Grande Colar da Inconfidência (1966), Prêmio W.H. Rober Award de Gastroenterologia USA (1970), Anatomista do Ano (1979, 82, 85 e 88) Medalha Arnaldo Vieira de Carvalho da Faculdade de Medicina da USP (1979), Grande Oficial da Ordem do Ipiranga (1979), Professor Honoris Causa das Universidades Católica do Chile (1980), Peru (1990), Nova Lisboa (1987), Brasília (1988) e Rio de Janeiro (1989).

Presidente e presidente honorário da Pan American Association Anatomists (1969-2004), Presidente da Ohio Academy of Sciences (1979-80), presidente e presidente honorário da International Federation of Associations of Anatomists (1985-2004). Foi membro do Conselho Editorial de Revistas Médicas Nacionais e Internacionais, autor de mais de 350 trabalhos científicos, 8 livros editados, mais de 20 capítulos de livros, mais de 170 apresentações em congressos, orientador de mais de 100 teses.

Foi considerado o Anatomista do Século XX por diversas instituições e revistas médicas.

Foi Secretário Geral do Federative Committee on Anatomical Terminology, da International Federation of Associations of Anatomists (1989-2004). Em 1997, secretariou em São Paulo a Globalização da Anatomia, conhecida como “Tratado de São Paulo” (Nova Nomina Anatômica).

O Conselho Editorial da Revista da Associação Médica Brasileira resolveu criar o prêmio Prof. Liberato João Affonso Di Dio, que tem por objetivo estimular o envio de contribuições científicas originais brasileiras de boa qualidade.

**por José de Oliveira Messina
Presidente
ex-aluno 1934/1946**

Carta ao Leitor

Caros Leitores:

Devemos muito da história, do desenvolvimento e da profissionalização do teatro brasileiro aos italianos, principalmente os que iniciaram carreira nos fins dos anos 1940, quando surgiu o TBC - Teatro Brasileiro de Comédia. Nesse espaço, criado por Franco Zampari, surgiram grandes nomes do nosso palco, como Cacilda Becker, Nydia Licia, Paulo Autran e Fernanda Montenegro, entre outros. Se hoje vivemos a era dos musicais, naquela época encenavam-se autores italianos, como Marinetti, Dario Fo e Pirandello. O último, coincidentemente, aparece em três matérias desta *DanteCultural*: além da que fala do teatro, ele é citado no quarto e último texto de Alessandro Dell'Aira sobre a saga do fundador do *Istituto Medio Italo-Brasiliano Dante Alighieri*, conde Rodolfo Crespi, que recebeu o autor na Escola em 1927. O escritor também aparece em **Literatura**, onde Luisa Destri resenha o livro *40 Novelas de Luigi Pirandello*. Luisa, aliás, na seção **Renascimento**, também nos brinda com um texto sobre dois livros do século XVI, de autoria de Giorgio Vasari, considerado o pai da história da arte: *Vida de Michelangelo Buonarroti e Vidas dos artistas*.

Três ex-alunos do **Dante** têm destaque nesta edição. O ator e diretor teatral Maurício Paroni mereceu um box especial na matéria de capa: tendo feito o caminho inverso ao das pessoas retratadas no texto, foi aluno e professor residente da *Scuola D'Arte Drammatica 'Piccolo Teatro' di Milano*, entre tantas outras atividades. Armando Ferla, primeiro juiz de um campeonato internacional de tênis no Brasil e capitão da equipe brasileira na Copa Davis, é o personagem da seção **Perfil**. A jornalista Renée Castelo Branco, editora-chefe do programa "Sem Fronteiras", da Globo News, é a entrevistada deste número. Ela nos conta histórias de sua época no Colégio, fala da sua trajetória profissional e da situação do jornalismo no mundo de hoje.

Neste número da *DanteCultural*, vamos fazer um passeio, com Edoardo Coen, pelo Trentino – Alto Adige, região do norte da Itália com grande influência germânica, inclusive na culinária, como poderemos ver na seção **Gastronomia**, que, entre as receitas locais sugeridas pela chef Silvia Percussi, traz a do delicioso *strudel* de maçã. E já que estamos falando da Itália, poucos objetos são tão icônicos em relação ao país quanto a Lambretta. Nosso **Ensaio Fotográfico** traz imagens, de autoria de Arthur Fujii, que vão fascinar os admiradores desse pequeno veículo.

Não deixe de ler, ainda, as demais seções da revista, entre as quais a do conto *Ele e ela pularam da janela!*, de José de Oliveira Messina, e, no **Papo Aberto**, a conversa de Silvana Leporace com o filósofo Mário Sérgio Cortella.

Boa leitura!

Fernando Homem de Montes
Publisher



A revista *DanteCultural* (ISSN 1980-637X) é uma publicação do Colégio Dante Alighieri

José de Oliveira Messina
Presidente

José Luiz Farina
Vice-presidente

Salvador Pastore Neto
Diretor-Secretário

Adriana Fontana
2ª Diretora-Secretária

João Ranieri Neto
Diretor Financeiro

Milena Montini
2ª Diretora Financeira

José Piovacari
Diretor Adjunto

Francisco Parente Júnior
Diretor Adjunto

Sérgio Famá D'Antino
Diretor Adjunto

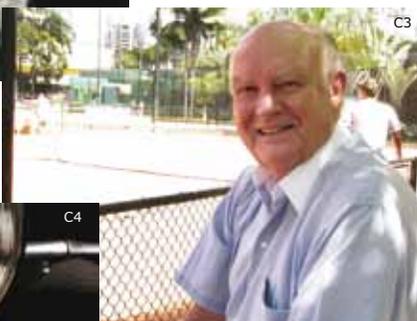
José Perotti
Diretor Adjunto

Lauro Spaggiari
Diretor Geral Pedagógico



Capa: arquivo pessoal Nydia Licia /C1: arquivo pessoal Renée Castelo Branco 1/C2: arquivo pessoal Nydia Alicia / C3: Barbara Ramazzini /C4: Arthur Fujii /C5: Tadeu Brunelli

| | |
|--------------------|----|
| Notas | 6 |
| Entrevista | 8 |
| Conto | 14 |
| Capa | 18 |
| Rodolfo Crespi | 26 |
| Renascimento | 30 |
| Literatura | 32 |
| Música | 34 |
| Cinema | 36 |
| Perfil | 38 |
| Espaço aberto | 42 |
| Ensaio fotográfico | 44 |
| Gastronomia | 50 |
| Jovem chef | 53 |
| Turismo | 54 |
| Papo aberto | 60 |
| Memória | 62 |



Expediente

Fernando Homem de Montes/Publisher - **Marcella Chartier**/Editora (jornalista responsável - MTb: 50.858)

Revisão: Luiz Eduardo Vicentin/Projeto Gráfico: Nelson Doy Jr./Diagramação e arte: Simone Alves Machado

Ilustrações: Milton Costa e Salvador Messina/Comercial: Vinicius Hijano

Colaboradores: Alessandro Dell’Aira, Arthur Fujii, Barbara Ramazzini, Edoardo Coen, Isabella D’Ercole, Juliana Graglia, Lucas Nobile, Luisa Destri, Nathalia Costa, Silvana Leporace, Silvia Percussi, Tadeu Brunelli

Envie suas sugestões e críticas para dantecultural@cda.colegiodante.com.br

Tiragem: 9.000 exemplares - Colégio Dante Alighieri - Alameda Jaú, 1061. São Paulo-SP - Fone: (11) 3179-4400

www.colegiodante.com.br

Interpretação madura no palco e no estúdio

Quem já assistiu a uma performance de Fabiana Cozza ao vivo, mesmo sem gostar de samba – gênero que ela mais canta –, não duvida de sua afinidade com os palcos. Filha de pai sambista e mãe descendente de veroneses (seu perfil, que resalta o resultado dessa mistura de Itália, Brasil e raízes africanas, já foi publicado na *DanteCultural* 11, de março de 2009), a cantora parece estar, quando se apresenta, em casa. Além da plena sintonia com os músicos, fundamental para que se obtenha esse resultado, têm-se a sensação de que ela sempre pertenceu àquele espaço – principalmente quando canta em um palco de teatro ou casa de show, o que não significa que as apresentações em rodas de samba mais informais sejam prejudicadas. Mas a mobilidade que o palco permite dá a ela a oportunidade de mostrar seu talento teatral e sua consciência corporal, em que voz e movimentos se completam harmoniosamente em cada canção. Fabiana renovou, porém, com o lançamento de seu terceiro álbum, no final de 2011, a certeza de que domina também os estúdios. Elaborado desde 2010, quando se iniciou a seleção das canções, o CD que leva seu nome foi totalmente financiado por ela, e finalizado poucos meses antes de seu lançamento. E nele se cumpre o objetivo da artista de se firmar como intérprete. Composições de grandes nomes da música brasileira e do próprio samba, especificamente,



Divulgação

como Paulo César Pinheiro, Sombrinha e Elton Medeiros, dividem o espaço com a obra de artistas mais novos, como Kiko Dinucci e Fabiano Ramos Torres. A gravação de um samba-enredo de 1977 da escola de seu coração, a Camisa Verde e Branco – da qual o pai, Oswaldo dos Santos, já foi puxador – conta com a participação mais do que especial do próprio pai. E no show de lançamento do álbum, no Sesc Vila Mariana em novembro, lá estava ele, orgulhoso, cantando “Narainã (Alvorada dos Pássaros)” com a filha.

Uma escola de música idealizada por uma ex-aluna cantora

Há dez anos, a ex-aluna Lucia Richer abriu uma escola de música no Morumbi, zona sul de São Paulo: a Sons. Formada em música, seus interesses pela área vão bem além dos empresariais: ela já foi aluna de Tom Zé e estudou na escola do Zimbo Trio, a CLAM, por dez anos. Em 2005, lançou seu primeiro CD, independente, interpretando MPB: *Retratos da alma*. No final de 2011, lançou seu segundo CD, *Fotografia*, com produção assinada por Roberto Menescal. A música título do álbum já sinaliza a tendência



Divulgação

sofisticada da artista: é de autoria de Tom Jobim. A cantora ainda gravou, no mesmo CD, clássicos de Chico Buarque, como “Samba e amor”, “Todo o sentimento” e “Futuros amantes”. A Sons tem cursos de canto, bateria e percussão, violão e guitarra, piano e teclado e baixo para adolescentes e adultos, além de um específico de musicalização infantil.

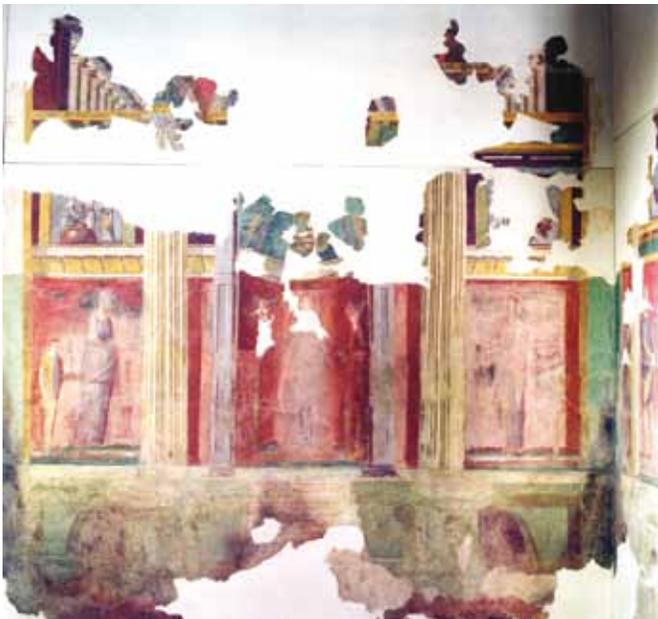
Escola Sons
(11) 3758-1077
contato@escolasons.com.br

Arte em alta: duas mostras de artistas italianos em cartaz em São Paulo

O Masp foi o museu escolhido para receber as exposições, ambas na programação do Momento Itália/Brasil

Roma: A vida e os imperadores

Desde o dia 25 de janeiro, aniversário da cidade, mais de 300 peças originais, oriundas do fim da República e do início do Império Romano, estão em exposição na Galeria Clemente Faria do Masp. É a primeira mostra de arte italiana do ano no museu, marcando a abertura do Momento Itália/Brasil em um dos pontos turísticos e culturais mais famosos de São Paulo. Além de obras de arte como esculturas e afrescos, também há joias e objetos associados à época. Todas as peças são provenientes de importantes museus italianos, como a famosa Galeria Uffizzi e o Museu Arqueológico Nacional de Florença,



Arquivo do Museu Arqueológico Nacional de Nápoles

Modigliani: Imagens de uma vida

54 pinturas, 5 esculturas, 55 desenhos e outros documentos, totalizando 230 peças, estão viajando o Brasil: elas compõem a exposição “Modigliani: Imagens de uma vida”, também vinculada ao Momento Itália/Brasil. As obras, pela primeira vez na América Latina, foram expostas em Vitória, no Espírito Santo, de outubro de 2011 até janeiro deste ano. Seguiram, então, para o Rio de Janeiro, onde ficaram até o dia 15 de março, e em abril chegam a São Paulo.

o Museu Nacional de Nápoles, o Antiquário de Pompeia, o Museu Nacional Romano e o Museu Arqueológico de Fiesole. A curadoria da exposição também é do lado de lá do oceano: do professor de história romana Guido Clemente, da Universidade de Florença. A exposição está dividida em quatro núcleos, cada um dos quais correspondente a um período histórico. Há também um mapa interativo representando os limites do império antigo projetado sobre o do mundo de hoje. As peças podem ser vistas até o dia 22 de abril, com ingressos a partir de 7 reais (para estudantes, professores e aposentados). A inteira custa 15 reais. Mais informações em www.masp.art.br/.



Arquivo do Museu Arqueológico Nacional de Florença



Arquivo do Museu Nacional de Nápoles

Além de 12 quadros e outras obras originais do artista, estão quadros de contemporâneos seus que remetem às relações que tinham com o Modigliani e ajudam a compor uma ideia do que foi a produção artística do início do século XX. O Masp receberá a mostra, promovida em parceria do MCA (Museu a Céu Aberto) com o Modigliani Institut Archives Légalés Paris-Roma. Mais informações podem ser obtidas em www.masp.art.br/.



Uma vida dedicada ao conhecimento

O trabalho da jornalista Renée Castelo Branco, do programa “Sem Fronteiras”, transmitido pela Globo News, não se limita a uma bancada de apresentação: ela se dedica a aprender, seja fazendo jornalismo, produzindo cinema, ou simplesmente conhecendo novas realidades

Por Isabella D’Ercole

A jornalista Renée Castelo Branco define-se como uma eterna curiosa. Apesar de sua posição, como editora-chefe de um programa televisivo em uma grande emissora, ela gosta mesmo é de conversar com personagens, sair à rua e conhecer lugares novos, mesmo que inóspitos. Entre suas milhares de descobertas, está saber, por exemplo, como funciona o processo de douramento de estátuas.

Renée nasceu em São Paulo, em 1949, mas, lá no fundo, sempre teve coração carioca. Quando tinha 9 anos, mudou-se com os pais para o Rio de Janeiro, onde ficaram por pouco tempo. A família já estava de volta a São Paulo no começo da década de 1960. Encantada, ela cresceu desejando mudar-se de vez para a cidade maravilhosa. Quis tanto que conseguiu. Em 1983, foi trabalhar na estreia do “Bom dia, Rio”, da TV Globo. Só saiu de lá cinco anos depois, para morar em Londres, Inglaterra, onde ficou até 1996.

Filha do romancista e publicitário Renato Castelo Branco, Renée sempre foi muito próxima dos pais. Gostavam de viajar juntos e frequentavam o teatro: “Meu pai me levava para assistir a peças gregas que eu mal entendia, porque ele queria nos passar valores dali que acreditava serem os corretos”, conta. Além disso, Renato sempre incutiu nos filhos a paixão pelos livros e pela escrita. Ele e a esposa, Norma, decidiram trocar a escola da filha quando ela chegou à idade de cursar o Colegial, atual Ensino Médio, em 1965. Mas foi ela quem escolheu onde estudaria, entre as opções dadas pelos pais. A menina queria um colégio forte, que a preparasse para o vestibular e para a faculdade, mas também era apaixonada pela língua italiana e desejava aprender a falar. Decidiram que o Dante Alighieri era a melhor opção. Foram três anos no Colégio e muitas lembranças construídas.

De lá, Renée seguiu para a faculdade de Ciências Sociais da USP, depois estudou jornalismo, escreveu um livro em suas viagens pelo Leste Europeu e participou da produção de cinco filmes. A curiosidade e a paixão pelo conhecimento são o combustível que Renée precisa para continuar explorando o jornalismo. “Jornalistas são pagos para aprender. Existe profissão melhor?”, questiona. Hoje ela é editora-chefe do programa “Sem Fronteiras”, da Globo News, transmitido toda quinta-feira, às 23h30. Renée comanda uma equipe de correspondentes em Londres, Nova York e São Paulo, que buscam entrevistados locais para comentar política, economia e movimentos sociais que estejam em destaque no Brasil e no mundo.

Renée dividiu com a Dante Cultural as boas histórias dos tempos em que frequentava “aquele maravilhoso prédio em frente ao Parque Trianon”.

Quais lembranças você guarda da época do Dante?

Adorei meus anos de Dante, principalmente pelos amigos que fiz e que mantenho até hoje. Uma delas, Sylvia Caiuby Novaes, ainda é muito próxima. Conheci Sylvia, agora professora do Departamento de Antropologia da USP, em uma prova para poder cursar o Ensino Médio no Dante. Aprontamos muito juntas. Certa vez, roubamos o diário de classe que tinha a assinatura do diretor. Na época, para entrar e sair da escola, o aluno tinha que ter autorização e assinatura do diretor. Aprendemos a copiar e garantimos passe livre! Depois, enterramos o diário de sala no Parque Trianon. Mas a escola pressionou e assumimos a responsabilidade. Acabamos suspensas. As brincadeiras eram divertidas, mas inofensivas, quebravam o clima rígido da escola. Ao mesmo tempo, gostávamos de aprender. Eu amava *Formação do Brasil Contemporâneo*, do Caio Prado Jr., e a Sylvia preferia os livros do Celso Furtado. Passávamos horas debatendo quem era melhor. Quem estava no Dante era interessado, gostava de estudar, mesmo que fosse bagunceiro. Um ano, fizeram salas mistas. Os meninos que viraram nossos colegas, entre eles o jornalista Guilherme Pinto, formaram uma banda e chegaram a tocar num show do Roberto Carlos. As meninas, inclusive eu, acompanhavam os ensaios, torciam pela banda. Foi uma época boa e muito importante para mim.

Você era boa aluna? Algum professor foi especialmente importante para você?

Eu era muito estudiosa, os professores me adoravam. Lembro-me de Walter Lourenção,



ARQUIVO PESSOAL RENEE CASTELO BRANCO

Renée em 1964, um ano antes de se matricular no então Colegial – hoje Ensino Médio – do Dante, por escolha própria

maestro e professor de filosofia. Ele era quase um ator, despertava nos alunos a curiosidade, dava a sensação de estarmos vivendo a História. A professora de História, Ofélia, era muito zangada, gostava de fazer papel de durona. Na aula dela, se dava bem quem tinha o “morto”, um caderno de um aluno do ano interior. As aulas eram ditadas, então se repetiam para todas as turmas. Você podia comparar o seu material com o “morto” e ir para a prova mais preparada. Era ótimo para estudar para o vestibular. A Piera, professora de italiano, era adorável. Nós gostávamos de encher a paciência dela, pedindo para ir ao banheiro o tempo todo. Depois que saí do Dante, ainda fiz aula particular com ela.

COLÉGIO “DANTE ALIGHIERI”

nº 25

Nome do aluno RENEÉ AMAZONAS CASTELO BRANCO
Nascido a 16 de maio de 1.949
Natural de São Paulo - Capital
Pai Renato Pires Castelo Branco
Mãe Norma Florisbal Castelo Branco
Residência Rua Martin Francisco nº 1.175
Fone 61-6793



FREQÜÊNCIA

(faltas)

BIMESTRES

MATERIAS

PRAT. EDUCAT

Como se deu sua escolha pela carreira de jornalista?

Eu era uma jovem muito idealista, queria que o Brasil fosse um lugar melhor e achava importante participar desse processo, então fui fazer Ciências Sociais na USP. Enquanto cursava, em 1972, recebi uma proposta para trabalhar no Cebrap, o Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, que faz pesquisas para entender a realidade do país. Aceitei e virei assessora do Fernando Henrique Cardoso. Fiquei ainda mais animada quando fui participar de uma pesquisa coordenada pelo sociólogo Bolívar Lamounier. Era uma época complicada politicamente no Brasil. Muitas pessoas votavam nulo, pois não queriam escolher nenhum dos partidos que existiam. A pesquisa deveria concluir que votar nulo não ajudava em nada, que era melhor escolher alguém. Com o tempo, fui perdendo o ânimo e percebi que não tinha nada a ver com o mundo acadêmico e que queria ser jornalista. Tirei férias e passei um tempo na Colômbia. Depois, em 1975, voltei e fui trabalhar na *Folha de S. Paulo* enquanto fazia um curso para ter o diploma. Comecei como repórter de economia. Aprendi muito nessa época. A equipe era incrível. Meu primeiro chefe foi o Cláudio Abramo, ícone do jornalismo, e depois o Boris Casoy. Mas a pessoa que mais me ensinou foi a minha chefe de reportagem, Nair Suzuki. É engraçado, porque anos depois encontrei o pessoal da pesquisa comemorando a publicação do livro em um restaurante. Eu já tinha trocado de emprego, já tinha feito tantas outras coisas. Fiquei imaginando que eu estaria ali se não tivesse mudado de vida. Mas sou muito grata ao Cebrap. Muito do que faço hoje, de pesquisa e trabalho, devo aos meus aprendizados na USP e no Cebrap.

E por que você saiu do “Bom dia, Rio”?

Saí do “Bom dia, Rio” para cobrir a editoria Rio do “Jornal Nacional”, depois fui para o “Jornal Hoje” e participei de muitos especiais, como Retrospectiva, Olimpíadas, Copa do Mundo. Em São Paulo, antes de ir para o Rio, eu também já tinha trabalhado no “Jornal das 7”, hoje conhecido como “SPTV”, e no “Jornal Hoje”.

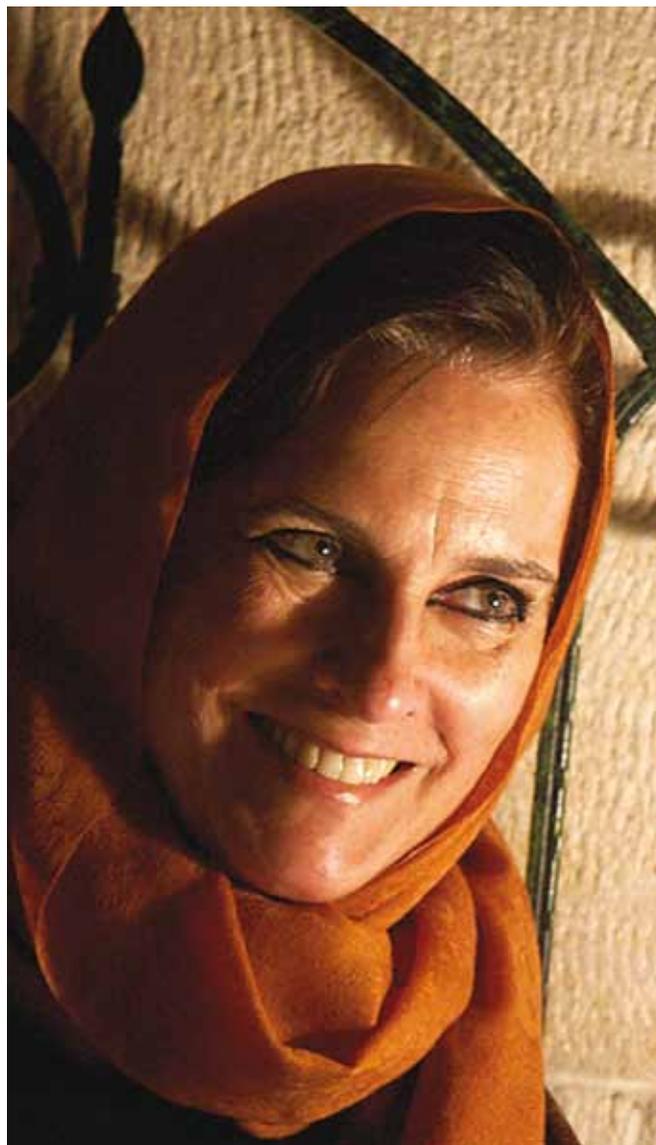
Quais os momentos da sua carreira que considera mais memoráveis?

Em 1988, fui viver na Inglaterra com meu marido, também jornalista. Ele recebeu uma proposta e eu fui acompanhar. Depois, arrumei vários empregos como colaboradora de jornais brasileiros e fiz alguns trabalhos para uma companhia de investimentos e um órgão local. Viajei muito, a

turismo e a trabalho. Juntos, fizemos em três meses um livro, *Leste Europeu: a Revolução ao Vivo*, da editora Objetiva, sobre as transformações políticas que a região vivia, como a queda do Muro de Berlim. Fiquei oito anos em Londres, ganhei outra visão de mundo, consolidei novas formas de pensar. Adoro também o programa que faço hoje, o “Sem Fronteiras”, na Globo News, que trata de assuntos internacionais. Tenho muita sorte porque a equipe é maravilhosa.

E o que a trouxe de volta ao Brasil, depois desses anos fora?

Voltei por motivos pessoais, quis trazer meus filhos, crianças, para cá. Além disso, fiquei com medo de não conseguir emprego em minha área se demorasse muito, por me tornar desconhecida. E



ARQUIVO PESSOAL RENÉE CASTELO BRANCO

Renée em uma de suas muitas viagens: na Síria

não tenho outra maneira de viver, tanto do ponto de vista financeiro, quanto do de equilíbrio mental. Também tinha medo de me tornar uma estrangeira para o resto da vida.

Ano passado saiu *Amor?*, seu quarto trabalho no cinema em parceria com o diretor João Jardim. Como foi a escolha de migrar para essa outra área?

Até hoje não tive vontade de fazer um filme meu, mas, como sou curiosa, adorei a ideia de fazer pesquisa para um filme. Na época da nossa primeira parceria, em 1997, eu trabalhava no programa “Brasil Legal” com a Regina Casé. Eu era responsável por encontrar personagens. O meu chefe era amigo do João e me indicou. Já fizemos *Janela da alma*, de 2001, *Pro dia nascer feliz*, de 2006, e *Lixo extraordinário*, de 2009. Essa é uma boa oportunidade para sair da redação e ir para a rua conhecer personagens, lugares. Já participei também da produção de um documentário que nunca ficou pronto, mas que falava da reforma nos cem anos do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Aprendi até a fazer o douramento de estátuas. O filme é responsabilidade da Carla Camuratti, diretora da Fundação Theatro Municipal. Ela está ocupada com outros projetos, então vai terminar a edição depois. Aproveitou as festas de cem anos do

Com a bailarina Tatiana Leskova, gravando o documentário sobre o Theatro Municipal do Rio

Theatro para gravar tudo que fosse possível.

Qual o impacto desse trabalho de campo para você?

Eu sofri muito fazendo a pesquisa de *Amor?*, que fala sobre relações com abuso físico, casais violentos. Os primeiros casos que vimos eram só de pancadaria, pura baixaria. Ficava com desconforto, náuseas. Só não abandonei o projeto porque não queria deixar o João na mão. Depois vimos que precisávamos de mais reflexão no filme, justamente para mudar essa impressão tão ruim. Daí em diante eu relaxei e me diverti, mas esse foi o trabalho que me exigiu mais força psicológica. Mas o filme que mais me impactou foi *Pro dia nascer feliz*, que tratava da situação da educação no país. Fiquei muito chocada. Não sabia que era tão precária. Depois, ajudei a criar um instituto chamado Vida Real, que educa e ajuda crianças para evitar que elas se envolvam com o tráfico. Para coordená-lo, chamei o sr. Sebastião Antônio de Araújo, que era bedel em uma escola da favela da Maré. Eu o conheci durante as filmagens e vi que ele levava jeito com as crianças. O projeto já tem sete anos. As crianças têm de 13 a 18 anos e estão em situação de risco, podem ser atraídas para o tráfico ou prostituição, por exemplo. Lá no instituto, elas têm aula de reforço escolar, computação, grafite, leitura e também almoçam. *Lixo Extraordinário* foi penoso fisicamente. Tive que me enfiar no



ARQUIVO PESSOAL RENÉE CASTELO BRANCO

lixão para acompanhar o trabalho do artista plástico Vik Muniz. O desafio era encontrar dignidade no meio de uma situação desagradável.

Que conselhos você daria para quem sonha em seguir a carreira de jornalista?

Eu diria que só deve fazer quem gostar muito. O mercado está cheio, então é preciso ter coragem para enfrentar disputas. Depois, é preciso ter disposição, pois muitas vezes você tem que furar sua programação para cobrir emergências no trabalho. Você ia fazer uma viagem maravilhosa com o namorado, mas algo aconteceu e você precisa desmarcar. Faz parte. Então, é bom pensar bem antes para não se sentir vítima depois. Outra coisa: demora para ganhar dinheiro com a carreira. Se você tiver dúvidas, não faça. Se você tem certeza, vá em frente, porque é o máximo!

Como é o processo de produção do “Sem Fronteiras”?

Começamos a conversar no domingo à noite. Definimos uma pauta a partir do que achamos que serão assuntos de interesse durante a semana. Tem que ser um assunto que perdure, pois as reprises terminam na segunda-feira seguinte. Se vemos que o assunto precisa mudar, temos até terça para refazer a pauta. Depois, dividimos as tarefas. O meu trabalho é dar a linha mestra, evitar que os assuntos se sobreponham, escolher o tamanho das entrevistas, dar ritmo. Esse programa foi criado por mim e pelos jornalistas William Waack, Jorge Pontual e Mônica Waldvogel. O bom é que nunca ficamos entediados. Tem dias que trabalho da rua ou da praia, e outras vezes preciso ficar no estúdio mais de 12 horas. Ao mesmo tempo que aproveito ficar na rua, aprecio os estúdios, onde dou forma e cara ao programa.

Muitos países tiveram recentemente confrontos entre governos e jornalistas e polêmicas sobre a liberdade de imprensa. Como você definiria a situação do jornalismo atualmente em relação a isso?

O jornalismo sempre vai ter um papel importante na sociedade, pois ele liga duas pontas. Sem ele, você não sabe nem de uma peça que está acontecendo na esquina. Acredito que essa discussão esteja sendo conduzida de maneira



Renée com uma de suas entrevistadas em junho de 2011: a iraniana Shirin Ebadi, vencedora do Nobel da Paz

leviana. O Brasil, por exemplo, tem muitos veículos instrumentados. Liberam dossiês quando querem ou se existe interesse. Tem muito jornalismo acontecendo baseado na agenda alheia. Isso precisa ser repensado. Temos questões éticas a serem resolvidas. Quando feito na pressa, o jornalismo apresenta muitos erros sérios. Além disso, tudo é voltado para a audiência, como se o mercado fosse o único ponto importante nesse ciclo. Vimos no último ano muitos jornais desistirem, declararem falência. É uma luta para sobreviver. Na Argentina, por exemplo, o governo não quer uma imprensa, quer publicidade. E a pouca imprensa existente não dá conta de cobrir todas as facetas da discussão, o que a torna muito tendenciosa. Com ou sem diploma, mesmo com a participação de mais gente, o jornalismo será cada vez mais importante.

Ele e ela pularam da janela!

por José de Oliveira Messina – Presidente ex-aluno 1934/1946

Ilustração: Salvador

Ela e ele não eram naturais de Promissão, cidade do noroeste paulista, distante mais de 400 quilômetros da capital. No passado, a localidade, à semelhança de outras da região, era um núcleo de silvícolas do agrupamento dos caingangues.

Esses aborígenes impediam a presença dos brancos, que por lá transitavam utilizando-se somente das vias fluviais. Em que pese a serventia para acesso e transporte, os rios Tietê, Feio e Dourado, usados por bugreiros e mesmo por eventuais posseiros, não facilitavam o assentamento de comunidades em face dos ataques que os colonos sofriam dos selvagens. Esse era o panorama da região até princípios do século XX.

Foi com a chegada de colonizadores japoneses que se formaram centros rurais mais dinâmicos. Era o ano de 1919. A gripe espanhola vitimara grande parte dos índios, tendo sido encaminhados os sobreviventes para uma reserva onde, já pacificados, foram sendo introduzidos no convívio com a civilização.

Antes de se configurar como município – o que se verificou no ano de 1923 – o então distrito recebia, em 1908, imigrantes japoneses orientados pelo dr. Shuhei Uetsuka, que por sessenta anos dedicou sua vida à colonização japonesa em Promissão. Um fato memorável, que nestas linhas me empenho logo a contar, registrou-se no ano de 1938, quando, a propósito, se deu a primeira construção de uma igreja católica por japoneses no Brasil.

Feito esse breve histórico, o fato é que “Promissão, a Canaã do noroeste paulista”, chegou ao conhecimento das famílias do Nordeste que, em dificuldade com a instabilidade do clima das estações do ano, viam-se de um momento para outro com suas culturas e rebanhos dizimados, sendo conduzidas para a completa carência, impedidas da própria manutenção.

Ele e ela, filhos de duas famílias pernambucanas. Ele, com 3 anos de idade a mais do que ela, que contava então 9 anos. Cursavam ambos a mesma classe elementar em escola pública. A entrada tardia do menino decorreu de doença que, por três anos, o retivera sem lhe dar ocasião de iniciar o ciclo elementar. Concluíram, entretanto, o curso ginásial, tempo no qual não chegaram a manter, na escola, sequer uma troca de palavras, tampouco um cruzar de olhares que produzisse alguma natural aproximação de amizade colegial.

As duas famílias nordestinas moravam na mesma colônia de um fazendeiro japonês, o que lhes permitia uma vida padrão, compatível com os rendimentos auferidos.

Os chefes de família trabalhavam na agricultura, e suas esposas, além dos trabalhos domésticos, prestavam, em forma de rodízio, serviços gerais na sede da fazenda.

As mães das crianças conheceram-se nessas jornadas, por estarem encarregadas da lavagem das roupas nas águas do rio da localidade e do passar de toda a trouxa a ferro de carvão. Os maridos, que seguiam de madrugada para o campo, enxadas ao ombro, palha na cabeça, iniciaram conversas centradas nos afazeres.

Os pais dele, não desejando que o filho se contentasse com o quadro primário da educação, e por terem parentes em São Paulo, confiaram a eles o ingresso do menino no segundo ciclo. Rapaz inteligente, houve-se muito bem, e, saudoso, findo o curso, retornou à família, sendo logo convidado pelo fazendeiro para fazer parte da administração, considerada sua educação e conhecimento, à época artigo raro.

Ela, por ser menina, não se desgrudava dos pais. Foi crescendo, adquirindo as formas de mocinha e enriquecendo-se nas prendas domésticas.

Frequentava a igreja, auxiliava o pároco no ensino do Evangelho e das orações básicas aos infantes, para a cerimônia anual da primeira Eucaristia.

Os jovens da localidade deram então de notar a graça e o comportamento de Fátima, começando a cortejá-la aos domingos e feriados, quando na Praça da Matriz a igreja católica, com sua pintura em tom de rosa suave, convidava os fiéis nas horas santificadas com o badalar dos sinos.

Ela a todos cumprimentava, a todos dedicava seu sorriso enigmático, e o tempo assim preenchia o romântico fluxo de sua vida. Até mesmo a mocidade de origem japonesa passou a frequentar a igreja, espaçando a visita ao templo Komyo Kwannondo, iluminado por luz perpétua.

Num domingo de escaldante verão, na estação ferroviária Hector Legré – inaugurada em 1908 sob as bênçãos financeiras do banqueiro belga que lhe deu o nome – por volta do meio-dia chegava ele de São Paulo, sendo recebido pelos pais e

parentes. Modesto almoço, mas rico momento de amor familiar, confraternização que, à hora da Ave-Maria, promoveu o encontro com ela.

Como diz o povo: o clarão do raio misterioso os eletrizou.

Iniciou-se assim um namorico que, à época, resumia-se no passeio dominical na Praça da Matriz, onde, de manhã, às 10 horas, e à tarde, às 18 horas, acomodava-se a banda municipal, que, além das marchas cívicas, ousava deliciar a comunidade japonesa com ritmos que lhe eram saudosos.

Faltava-lhes coragem, decorridos alguns meses, quando as mãos já se encontravam, em comunicar às famílias que desejavam oficializar o noivado.

Ele já amalhara algumas economias aos 17 anos. Ela, então com 14 anos, utilizando a máquina de costura da mãe, pacientemente confeccionara um modesto enxoval.



Sofriam, até ali, vendo os dias transcorrerem sem que se apresentasse um motivo que conduzisse à solução do que parecia um insolúvel problema.

Porém, sempre há um porém salvador quando a flecha do cupido, impregnada do amor puro, procura honestamente a solução.

Um amigo dele, ao qual chegara a confessar a angustiante demora, perguntou-lhe se conhecia o pulo da janela, no caso, o pulo do gato, o qual ele e sua mulher haviam usado e que dera certo.

– Não, não, nunca ouvi falar e nem faço ideia..., disse-lhe Osório.

– É muito simples, ouça com atenção: lá, próxima à estação, mora uma viúva, dona Felisberta, que tem um filho excepcional, e que vive do aluguel de um quarto. Procure-a e acerte o negócio, apenas por uma noite.

Horrorizado com a proposta, Osório rejeitou-a de pronto, fazendo até mau juízo do companheiro.

– Faça-me apenas acertar o casamento; não é nada disso que você está imaginando.

– Note bem: combinado o valor do aluguel, e não imagine que dormirão juntos, você conversa com a Fátima e lhe explica que só há um jeito de os pais dela, e os teus também, admitirem o casamento. Presumindo que vocês dormiram juntos fora de casa, e com a notícia correndo certamente entre as comadres, a união será autorizada. O escândalo será maior se eles se opuserem... E vocês, naturalmente, fugirão!

– Nem pensar... A Fátima, diante dessa conversa, romperá comigo...

– Calma, ainda não está completa a artimanha: a viúva tem no seu quarto uma larga cama de casal, e nessa noite, ao lado da pobre senhora, descansará a Fátima, claro, se conseguir; caso contrário se acomodará no sofá. Entendeu? Você ficará no quarto ao lado, onde há uma cama vaga, e ali fechará ou não os olhos, a depender do comportamento do Berto, o filho da viúva. Entendeu?

Realmente, a proposta não apresentava ofensa à integridade virginal de ambos, naquela época em que o amor era alimentado também pelo respeito espiritual ao corpo humano. Inteirada Fátima a respeito do plano, a princípio ameaçou romper com Osório. Entendendo, porém, como funcionaria a estratégia, acalmou-se afinal e concordou. Chegou até a ponderar que, sendo baixas as janelas de sua casa, não haveria o risco de

eventual torção ou mesmo fratura, o que atrasaria as datas das cerimônias já por eles previstas.

Acertados os pormenores com a viúva, verificados os aposentos e as camas, marcado o dia (ou a noite) do tal pulo, e arrumada a pequena trouxa com os pertences necessários, ele e ela pularam da janela de suas respectivas casas.

Andando a pé, um distante do outro, encontraram-se na moradia indicada. Lá chegando, não houve dificuldade. Ambos se apresentaram a Felisberta, cujo filho, o infeliz Berto, balbuciava palavras desconexas. O cenário não era convidativo. Entreolharam-se os fugitivos e logo imaginaram os momentos que teriam de vencer para estarem vivos no dia seguinte.

A velhinha, delicadamente, ofereceu-lhes chá de entrada para se acalmarem. Afinal, ela tinha experiência adquirida para tais encontros. Tudo foi precedido pelo pagamento do cachê.

Fátima, para quem o chá teve efeito contrário, sequer cochilou, mesmo porque a “orquestra” que roncava ao seu lado, com altos e baixos, impedia que cerrasse os olhos.

Osório, por sua vez, encerrado no cômodo ao lado, não só ouvia a forte ressonância, como não conseguia descansar com o contínuo palavreado desconexo de Berto. Assim, também não repousou.

Manhã feita, com os rostos cansados, olheiras profundas, foram à casa de Fátima. Presentes seus genitores, Osório, receoso, pediu Fátima em casamento. Não foi negado, algo que não poderia mesmo ser contestado. Até porque seus desgastados semblantes indicavam que a noitada de amor fora bem aproveitada. Os pais do rapaz seguiram o mesmo caminho.

Poderá o leitor pensar que se trata de ficção. Não! É história real. Fátima, hoje bisavó, casada com Osório, com 10 filhos, 20 netos e duas bisnetas, contou-me, irradiando felicidade, essa história verídica, que nos leva a meditar, em comparação, na instável natureza dos consórcios dos tempos de hoje...

De todo modo, atualmente, por serem raras as casas térreas, pular da janela é algo, digamos, quase impraticável. E, por mais que o apartamento seja no primeiro andar, a aventura está longe de ser objeto de recomendação. Pelo sim, pelo não, estariam os candidatos ao casamento dispostos hoje a pular um degrau que seja para encontrar a felicidade?



O Dante
também é
High School.
YYEESSSS!!!

O Colégio Dante Alighieri, em parceria com a Texas Tech University, oferece, opcionalmente, o diploma oficial de High School. Os alunos, além do currículo brasileiro, têm aulas em inglês completando a formação americana.

Para mais informações:

www.colegiodante.com.br

(11) 3179-4400

Italianos nas raízes de nossa dramaturgia

A influência desses artistas nos palcos brasileiros: das companhias de giro ao teatro de excelência do TBC na década de 1950

Por Nathalia Costa

Mais de cento e cinquenta anos de viagens teatrais acompanham a história de Itália e Brasil. As influências atravessaram os mares e chegaram ao nosso país por diversos meios - atores, diretores, empresários - e tais figuras tiveram grande responsabilidade na produção nacional. O auge desse intercâmbio aconteceu na década de 1950 em uma companhia chamada Teatro Brasileiro de Comédia, instalada em um prédio na Rua Major Diogo, no centro de São Paulo. “O que aprendemos no TBC nos serviu de guia para o resto da vida. Foi lá que adquirimos disciplina, respeito pelo trabalho, honestidade em cena e coleguismo”, contou a atriz Nydia Licia, em seu livro *Eu vivi o TBC*. Mas até chegar a esse patamar cultural, muita coisa aconteceu.

Em meados do século XIX, as companhias italianas não eram estáveis e costumavam passar a temporada de verão nas capitais latino-americanas (aproveitando o recesso na Europa). Quase sempre estreavam no Rio de Janeiro devido à boa recepção do imperador D. Pedro II, amigo de célebres artistas, como a atriz dramática italiana Adelaide Ristori. No ramo empresarial, o italiano Paschoal Segretto foi fundamental para a consolidação do teatro na capital carioca. Conhecido como o “ministro das diversões”, ele ergueu seu império na Praça Tiradentes, impulsionou o “teatro de revista” e, inclusive, foi considerado pelo ator Procópio Ferreira como o “papa do teatro brasileiro”. Já o seu irmão, Affonso Segretto, cuidava dos negócios da família em São Paulo, cidade que logo também passou a fazer parte da rota das grandes companhias de giro, que se apresentavam

no Teatro Municipal e depois realizavam espetáculos mais populares para a colônia italiana, sem condições financeiras de frequentar aquele meio.

Com a intensificação do processo migratório no início do século XX e o nascimento de uma classe operária na capital paulista, as relações teatrais sofreram transformações. Nesse cenário, as produções com temas anarcossocialistas ganharam espaço. O nome do escritor Pietro Gori começou a aparecer com frequência nos meios políticos e, com o poema “Il primo Maggio”, ele se tornou um dos autores dramáticos mais encenados pelos grupos anarquistas no Brasil daquela época. Além disso, a dramaturgia que começou a se



O prédio que era sede do TBC, na Rua Major Diogo, centro de São Paulo

Nathalia Costa



ARQUIVO PESSOAL NYDIA LÍCIA

Cacilda Becker e Sérgio Cardoso em *Os filhos de Eduardo* (1950)

fazer no país também colocava o italiano como personagem. Em 1916, os atores José Gonçalves Leonardo e Sebastião Arruda, na Companhia Arruda, formaram uma dupla ítalo-caipira, que foi a precursora na formação do personagem de Mazzaropi, mostrando o encontro do italiano com o migrante caboclo morador dos cortiços.

O teatro profissional que começou a se desenvolver no eixo Rio–São Paulo era centrado na figura do ator *capocomico*, um grande cômico central, que tinha como preocupação o entretenimento. Os principais representantes desse tipo de atuação foram Leopoldo Fróes, Dulcina de Moraes, Procópio Ferreira e Jaime Costa. As companhias existiam em torno deles, o texto e a produção eram pensados em conformidade com aquelas figuras. Tal modelo iria persistir com força no Brasil aproximadamente até o fim da II Guerra Mundial, em 1945, quando se deu uma imigração de diretores vindos da Itália. Personalidades como Adolfo Celi, Luciano Salce, Flaminio Bollini, Ruggero Jacobbi e Gianni Ratto chegaram

ao Brasil em busca de espaço para trabalhar e revolucionaram o modo de produzir espetáculos. Os três primeiros eram antigos companheiros da Escola de Arte Dramática de Roma, instruídos na filosofia de Sílvio D'Amico. Jacobbi estava ligado às ideias de Anton Giulio Bragaglia, enquanto Ratto fundou o Piccolo Teatro de Milão com o designer Paolo Grassi e o diretor Giorgio Strehler. Essas escolas italianas passavam por uma transformação de pensamento, que já havia ocorrido na França e na Alemanha, e criavam um projeto de teatro moderno. De acordo com Alessandra Vannucci, professora doutora em Direção e Teoria Teatral na Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), esse novo modelo franco-italiano era embasado em quatro conceitos básicos: equipe sem estrelismo; texto-centrismo (no sentido da fidelidade ao texto original), repertório culto e cosmopolita e autoria da direção. Essas concepções revolucionárias foram trazidas ao Brasil por esses diretores e colocadas em prática no Teatro Brasileiro de Comédia (TBC), que virou a grande referência nacional entre 1948 e 1964. “Esse foi o episódio de troca



ARQUIVO PESSOAL NYDIA LÍCIA

Cleyde Yaconis e Ruy Affonso em *Convite ao baile* (1951)

‘transcultural’ mais importante do período. Chamo esse momento de ‘viagem de ideias’, visto que comporta uma emigração real para o Brasil de parte representativa da geração italiana conhecida como ‘geração de diretores’”, diz Vannucci.

O Teatro Brasileiro de Comédia

O TBC foi um grande marco para os teatros paulistano e, por extensão, para aquele que se produzia em todo o Brasil. Mas ele só se tornou realidade por causa do empreendedorismo de Franco Zampari, um italiano que chegou ao país em 1922. Ao lado do amigo de infância Ciccilo Matarazzo e de Paulo de Assumpção, Zampari fundou a Sociedade Brasileira de Comédia (grupo com fins não lucrativos), cujo objetivo era promover toda espécie de espetáculo artístico, principalmente teatral. “A ideia era que os membros dessa sociedade comprassem a programação do ano todo e, com isso, haveria uma verba inicial para pensar a temporada do teatro. Só depois o TBC iria contar com a bilheteria”, explica

Elizabeth Azevedo, professora doutora de Teatro Brasileiro no Departamento de Artes Cênicas da ECA - USP e coordenadora do centro de documentação teatral LIM CAC.

Essa dinâmica colaborou para a formação de um teatro de alto nível, com repertório sofisticado. “A inaugurar-se no próximo mês de setembro, será um pequeno teatro, de tipo europeu, a platéia em declive, com 376 lugares; todos bem colocados, com perfeita visão do palco; êste será equipado com o mais perfeito aparelhamento, prestando-se a tôdas as exigências da moderna cenografia”, divulgou-se em um programa da época (*respeitando-se aqui a ortografia original*).

As primeiras montagens do TBC foram feitas por conjuntos amadores. Exemplo disso foram *A Mulher do Próximo*, pelo Grupo de Teatro Experimental (GTE), dirigido por Alfredo Mesquita, e *La Voix Humaine*, de Jean Cocteau, direção de Henriette Morineau, que entrou para a história por ser a primeira peça produzida pelo grupo no prédio localizado no centro de São Paulo. O espetáculo seguinte – *Arsênico e Alfazema*, de

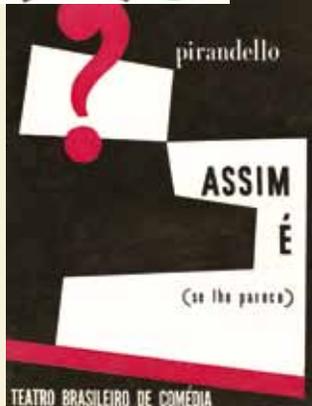
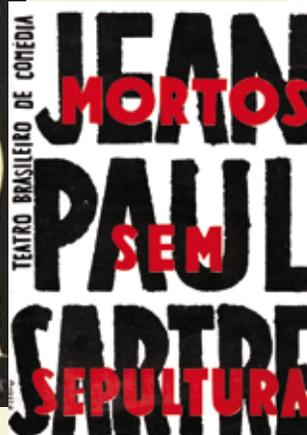
Joseph Kesselring – caiu nas mãos de Adolfo Celi, que chegava de Buenos Aires, aos 26 anos, e tinha sido recomendado pelo cenógrafo Aldo Calvo. Celi classificou o pouco que viu no Brasil como um *teatro di parochia*, ou seja, uma produção bastante primária, e começou a colocar sua marca e exigir dedicação. Outros grandes triunfos do italiano foram a montagem de *Seis personagens à procura de um autor* (1951), de Luigi Pirandello, e *Uma certa cabana* (1953), de André Roussin, que marcou a entrada de Tônia Carrero no conjunto. “Trabalhar com Celi e com os outros diretores italianos era um prazer pelo alto nível intelectual e pelo conhecimento profundo de teatro deles”, comenta Nydia Licia.

Em 31 de dezembro de 1949, a companhia permanente do TBC assinava o seu primeiro contrato e se tornava 100% profissional. As atrizes Cacilda

ARQUIVO PESSOAL NYDIA LICIA



Cacilda Becker, Sérgio Cardoso e Nydia Licia em *A importância de ser prudente* (1950)



Programas de peças do TBC

Becker e Nydia Licia, os atores Carlos Vergueiro e Sérgio Cardoso, os diretores Adolfo Celi e Ruggero Jacobbi foram algumas das pessoas que estavam nesse grupo. Seguiram-se as contratações de Paulo Autran, Madalena Nicoll, Ruy Affonso, Cleyde Yáconis, Fernanda Montenegro, entre outros. Essa trupe lançou a peça *Nick-Bar... Álcool, Brinquedos, Ambições*, de William Saroyan. “Apesar de a Cacilda ser a primeira figura, o TBC era um teatro de equipe. A gente fazia um papel pequeno e depois um grande, não faltava oportunidade. E a Cacilda ajudava todo mundo e nós a respeitávamos porque ela tinha muita experiência”, destaca Nydia.

As peças do TBC ganhavam espaço no cenário cultural da Pauliceia. E aproveitando o bom momento, Zampari decidiu expandir as atividades e fundou a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, em São Bernardo do Campo. No entanto, a administração integrada entre os dois empreendimentos se mostraria problemática no futuro.

Nesse grupo ítalo-brasileiro, a figura de Ruggero Jacobbi foi essencial. Ele esteve à frente da montagem de *O mentiroso*, de Carlo Goldoni, um dos grandes sucessos de público da companhia.

Apesar do prestígio, Jacobbi não conseguiu manter a qualidade em *A ronda dos malandros*, de John Gay, a ponto de deixar Franco Zampari irritadíssimo. Após uma briga com o “mecenas”, o diretor se demitiu e abandonou o trabalho. Anos mais tarde, ele estaria de volta. Longe do TBC, o italiano teve uma participação importante na formação de novos atores na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como na carreira do ator e diretor Wolney de Assis: “Lembro que o Ruggero dizia: ‘O teatro é uma construção’. Ele foi um mestre, do ponto de vista intelectual”, exalta.

O dramaturgo contemporâneo Maurício Paroni de Castro avalia que o trabalho dos atores teatrais



Sérgio Cardoso e Cacilda Becker em *O anjo de pedra* (1950)



Paulo Autran, Cacilda Becker e Marina Freire *Seis personagens à procura de um autor* (1951)

mudou muito com a chegada dos italianos, atingindo um grau de excelência. “Eles trouxeram coisas como leitura de mesa (estudo do texto), profissionalização dos técnicos e, sobretudo, a visão do ator não como ser estratosférico e não como uma celebridade, mas como um artesão”, enfatiza.

Em 1950, os diretores Luciano Salce e Guilherme de Almeida criaram o “Teatro da segunda-feira” com a finalidade de ter um espaço experimental para pequenas peças não comerciais e também para a montagem de novos textos brasileiros. Esse dia da semana foi escolhido porque era o único ocioso na programação do teatro, que, diferentemente dos dias atuais, estava aberto ao público de terça a domingo. O trabalho realizado por Salce ainda é bastante valorizado por Nydia Licia. “O Luciano Salce era o diretor com quem eu me entendia melhor. Achava o lado irônico dele muito bom para comédia. Ele era excelente”, elogia. Nessa fase, chegou mais um diretor histórico: o polonês Ziembinski, que ficou encarregado também de alguns espetáculos voltados à pesquisa.

O auge do artisticamente consolidado TBC foi no início da década de 1950, com um grupo imbatível de atores e diretores. No entanto, o declive se anunciava com o afastamento de alguns artistas, como o casal Nydia Licia e Sérgio Cardoso, que decidiu inaugurar sua própria companhia. Em 1955, foi a vez de Tônia Carrero, Adolfo Celi e Paulo Autran se desligarem do grupo, para a criação de uma trupe própria no Rio de Janeiro. “O TBC chegou em um momento em que tudo cresceu demais e as peças ficavam muito tempo em cartaz. Se você não entrava em uma ou duas peças, acabava ficando até seis meses sem fazer nada. Além disso, a gente queria testar coisas diferentes”, justifica Nydia. Com os momentos de oscilação, Franco Zampari apostou na direção de Gianni Ratto e Alberto D’Aversa. Em 1957, a primeira atriz profissional do TBC – Cacilda Becker – se juntou aos dissidentes e deixou a companhia, levando consigo Walmor Chagas. No ano seguinte, a concorrência apertou com

a estreia do sucesso *Eles não usam black-tie*, no Teatro de Arena. O texto de Gianfrancesco Guarnieri mostrava a realidade brasileira de uma maneira inovadora. Em reação, o TBC tentou se reinventar e passou a apostar em uma nova safra de diretores brasileiros: Flávio Rangel e Antunes Filho. Em 1963, a boa aceitação da produção de *Os ossos do barão*, de Jorge Andrade, ainda deu fôlego ao TBC. No entanto, Antunes Filho não conseguiu fazer o sucesso com a peça *Veredas da salvação* (1964), também de Andrade, e viu a grande companhia encerrar suas atividades.

O principal fator para o fechamento do TBC foi a crise financeira nascida do convênio com a Companhia Cinematográfica Vera Cruz, que consumia boa parte dos rendimentos do teatro. Além disso, uma crise artística e de repertório atingiu aquele grupo, principalmente, pelo momento que o Brasil vivia após o golpe militar, em 1964. A historiadora Elizabeth Azevedo deixa claro que o TBC também trabalhou com temas e textos brasileiros, mas que o olhar dado à “brasilidade” não era tão politizado. “O TBC fez teatro brasileiro, mas ele falava para uma outra geração. A politização não era uma questão trabalhada por aquele grupo e era isso que os jovens estavam buscando”, avalia. Além disso, o conjunto de Zampari enfrentava uma grande concorrência dos atores e diretores que, embora lá formados, abriram suas próprias companhias – o Teatro de Alumínio (Paulo Goulart e Nicette Bruno), o Grupo dos Sete (Fernanda Montenegro e outros) e muitos mais. “O TBC foi uma escola, mas ele não conseguiu manter no seu grupo essas pessoas que ele iam formando”, aponta Azevedo. Apesar da falência do TBC, o legado deixado para a formação do teatro brasileiro é inegável. “Os grupos de uma geração seguinte – como o Teatro de Arena, o Teatro Oficina e Antunes Filho – foram diretamente influenciados (até por reação) pela estética do TBC”, analisa Alessandra Vannucci.

Pirandello

Quando se fala em autores italianos, vários nomes se destacam: Marinetti, Dario Fo, entre outros. Porém, na opinião

de Elizabeth Azevedo, professora doutora de Teatro Brasileiro no Departamento de Artes Cênicas da ECA – USP, as produções de Luigi Pirandello sempre foram sinônimo de bom teatro. “Montar uma peça de Pirandello sempre é uma aposta na qualidade de um espetáculo. Sempre volta a ficar em cartaz e é uma escolha de prestígio”, diz. E o TBC foi um grande responsável por essa concepção, com as montagens de *O homem de flor na boca* (1950), *Seis personagens à procura de um autor* (1951), *Assim é... (se lhe parece)* (1953) e *Vestir os nus* (1958).

A conceituada ex-atriz do Teatro Brasileiro de Comédia, Nydia Licia, não poderia deixá-lo fora de seu repertório. Em 1957, sua companhia montou *Henrique IV*, sob direção de Ruggero Jacobbi. “Eu acho Pirandello fantástico porque a maioria de suas peças continuam modernas até hoje”, afirma. Aos 85 anos, Nydia não se desligou do mundo teatral e atualmente dá aulas de Voz

ARQUIVO PESSOAL NYDIA LICIA



Nydia Licia cantando com Sebastião Ribeiro na segunda montagem de *O mentiroso* (1952)

e de Interpretação de Texto no curso técnico profissionalizante da Escola Superior de Artes Célia Helena.

Universais, as obras do autor italiano são usadas no aprendizado de novos profissionais. Em 2011, o ator e professor de Teatro Brasileiro também na Escola Célia Helena, Chico Carvalho, criou um grupo de pesquisa com seus estudantes sobre três contos de Pirandello: *Personagens*, *Conversas com personagens* e *A tragédia de um personagem*. O estudo resultou em um exercício prático: *Os ventríloquos*. “O que mais me interessa no Pirandello é que ele desiste do homem e não está a serviço de nenhuma moralidade. Então, ele não deixa ninguém a salvo e morre de rir do quanto somos absurdos. Talvez a grande temática dele sejam as máscaras e as aparências”, explica Chico Carvalho.

Ele ainda procurou aprofundar a questão ao fazer um paralelo com a temática trabalhada pela *commedia dell'arte*, no século XVI. A arte medieval era centrada em personagens-tipo, ou seja, arquétipos. E as máscaras eram usadas para representá-los e definir a essência de cada um. É claro que Pirandello trabalhou em um âmbito

muito mais complexo, expondo a metamorfose dos indivíduos de acordo com diferentes contextos sociais. Mas Carvalho afirma, em suma, que os dois modelos buscavam retratar as facetas dos seres humanos e desvendar o próprio desenvolvimento artesanal do teatro. “A *commedia dell'arte* e Pirandello trabalham o tempo inteiro com a metalinguagem, você vê os atores no palco interpretando e percebe que tudo faz parte de uma grande farsa”, explora o professor.

Mas a obra de Pirandello não tem uma ligação apenas com o teatro do passado. Sua principal associação no Brasil é com o trabalho produzido por Nelson Rodrigues. Para Chico Carvalho, o autor italiano rompe uma estrutura linear para focar os problemas do homem e isso é incorporado no teatro brasileiro de Nelson de forma arrebatadora. “Os dois autores procuram destruir as convenções, as instituições e os portos de segurança dos homens”, compara.

Com tantos predicados, Pirandello foi mais do que um bom autor italiano. Ele assumiu um caráter de vanguarda com obras universais e atemporais.

Do Brasil para a Itália

O sofisticado teatro produzido pelo TBC, graças ao trabalho de diretores italianos, também influenciou os rumos da produção artística do Colégio Dante Alighieri e mudou a vida de alguns estudantes. Esse foi o caso do ator e diretor Maurício Paroni de Castro, que se apaixonou pela arte desde os tempos da escola. Depois de cursar a Faculdade de Direito na Universidade de São Paulo (USP), Paroni deixou o Largo São Francisco e mudou-se para a Itália. Tornou-se aluno da *Scuola D'Arte Drammatica 'Piccolo Teatro' di Milano*, onde teve aulas com renomados professores: Tadeusz Kantor, Thierry Salmon, Josef Svoboda, Lorenzo Arruga e Heiner Muller, entre outros. “Eu aprendi quase tudo na Itália. Eram 10 horas de estudo por dia no *Piccolo* e eu aprendi desde ópera até teatro contemporâneo, dicção, leitura de mesa, respeito à direção. Mais do que isso, soube resistir à discriminação e acreditar nas minhas próprias ideias”, diz.

Entre 1985 e 1999, Paroni conquistou o posto de

ARQUIVO PESSOAL MAURÍCIO PARONI



O ator e diretor Maurício Paroni na época em que estudava no Dante, com colegas do então 2º Colegial (hoje 2ª série do Ensino Médio), em 1976

professor residente da grande escola teatral. Por doze anos, foi diretor estável no *Centro di Ricerca per il Teatro*, em Milão, e rodou o mundo com mais de 30 espetáculos. Ele ainda assumiu a cadeira de

professor residente na *Royal Scottish Academy of Music and Drama*, em Glasgow, na Escócia. O fato é que Paroni construiu uma vida na dramaturgia italiana. Mas entre as carreiras de ator e diretor, ele prefere ficar com a segunda opção e justifica: “Ser diretor de teatro é o que mais pode se assemelhar à maternidade. É uma zona mental entre ser parteiro e ser mãe ao mesmo tempo.” Com tanta bagagem, Maurício avalia que os italianos perderam sua força. “Eles pararam com temas universais e ficaram restritos em temas que falam apenas de costumes italianos – por exemplo, como gostam de massa. Existem ainda

autores focados em um realismo superficial, como Alessandro Baricco”. O diretor, com ampla instrução italiana, é um defensor da importação de professores do exterior para a evolução do teatro brasileiro. Para ele, o país deveria se preocupar mais com esse intercâmbio de cérebros do que com a chegada de novos espetáculos da Europa.

Ao longo de sua trajetória no Brasil, Paroni criou uma relação de amizade com o dramaturgo Wolney de Assis. E o diretor gaúcho se rasga em

ARQUIVO PESSOAL MAURICIO PARONI



Cena de *Admirável mundo novo* (2008), de Aldous Huxley, em montagem protagonizada por Maurício Paroni, Renato Borghi e a bailarina e atriz Lu Brites

elogios ao colega: “O Maurício sempre foi um cara muito brilhante na maneira de ver as coisas e já era um jovem com uma cultura geral muito grande.” Atualmente, o diretor trabalha à frente da companhia Manufactura Suspeita e já está com muitos planos para 2012. O primeiro a se tornar realidade é a estreia da peça *Correnteza*, um monólogo de Gabriella Mellão, com interpretação do italiano Alvisé Camozzi, e sob direção de Assis, no dia 2 de fevereiro, no SESC Consolação.

A montagem marca o reencontro artístico de Paroni e Camozzi, cujas trajetórias têm se cruzado há quinze anos. Aos 50 anos, Maurício Paroni de Castro atua como mentor de uma nova geração de talentos italianos do teatro contemporâneo.

Paroni no Festival de Asti, Piemonte, em 1989, como protagonista de *Nel tempo fra le guerre* (No tempo entre as guerras), da Cia. Teatro Settimo Torinese, com direção de Gabriele Vacis

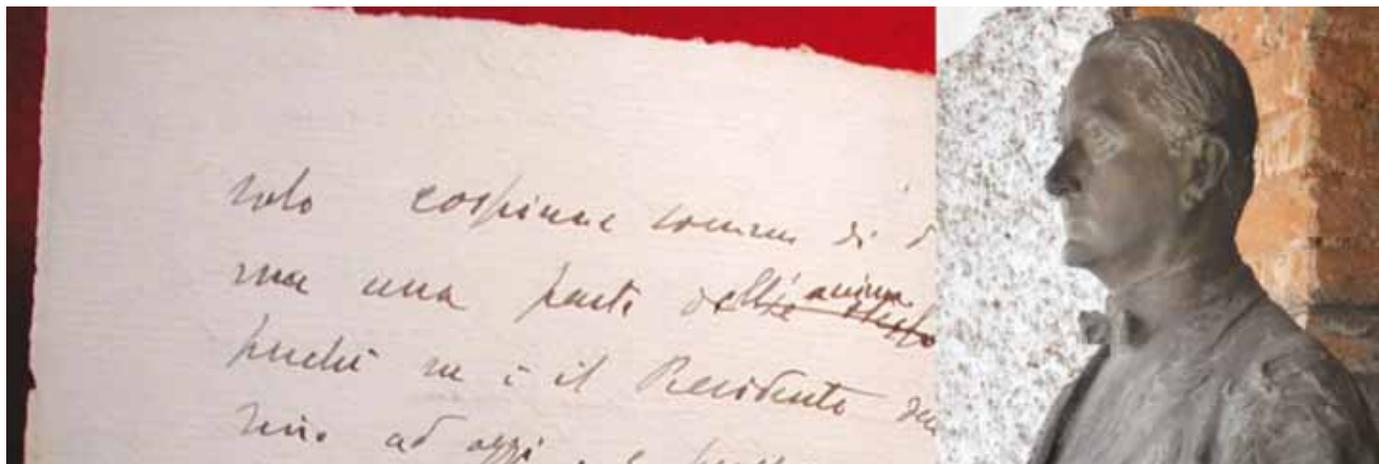
ARQUIVO PESSOAL MAURICIO PARONI



Uma parte da alma

Vida de Crespi e do Istituto Medio

Texto: Alessandro Dell’Aira Fotos: Alessandro Dell’Aira e João Florencio Tradução: Francisco Degani

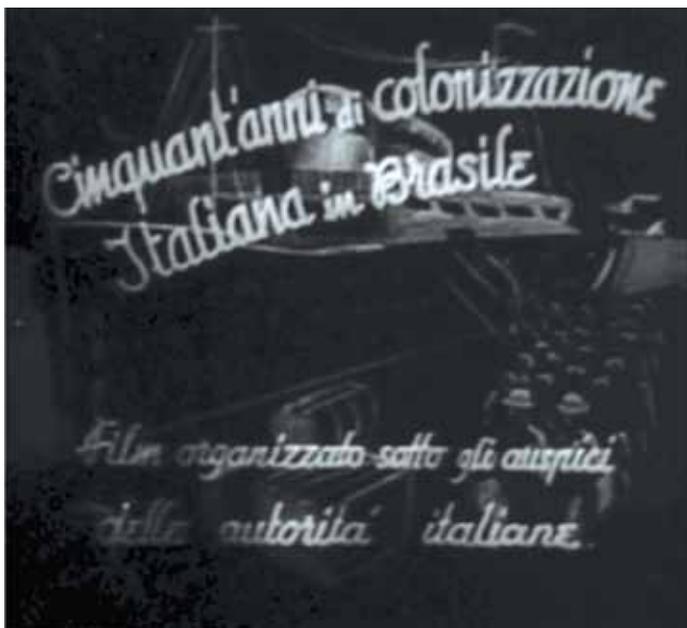


Resumo dos episódios anteriores. O Istituto Medio Dante Alighieri, fundado em São Paulo em 1911 por iniciativa da Società Dante Alighieri e com o apoio financeiro e moral de Rodolfo Crespi e de um grupo de abastados emigrados italianos, tornou-se importantíssimo. Tão prestigiado que os patrícios famosos em visita a São Paulo vinham visitá-lo. Assim fizeram Luigi Pirandello e a atriz Marta Abba no mês de agosto de 1927. Sobre aquela visita somos informados não só pela crônica

paulistana, mas também pela epígrafe de um ex-libris de Renata, primeira filha de Rodolfo e esposa de Fábio da Silva Prado, futuro prefeito de São Paulo: “Não procures nada que não venha de ti”.

Maior de 1937. Por iniciativa das autoridades estaduais e municipais, abre-se em São Paulo uma grande exposição comemorativa dos cinquenta anos da imigração oficial no Brasil. O meio século da presença italiana no Rio Grande do Sul já havia sido comemorado em 1925. Mas a capital do Estado número um da Grande Confederação, alvo do maior fluxo de europeus, deseja expressar nova gratidão aos imigrantes, sobretudo aos italianos, pela contribuição que davam à produção agrícola e industrial, à qualidade da educação, ao desenvolvimento dos comércios, da arquitetura e da arte.

O orgulho da Itália foi o seu pavilhão, montado no Parque Dom Pedro II, local da exposição. Essa e outras iniciativas foram firmemente coordenadas pelo diplomata italiano Guido Romanelli, enviado de Roma para a ocasião. Rodolfo Crespi é o protagonista do curta-metragem *Cinquant’anni di colonizzazione italiana in Brasile*, realizado “sob os auspícios das autoridades italianas”, com imagens do cotonifício da Mooca; da fábrica de chapéus da Vila Prudente; do conde Rodolfo no seu escritório; da escola maternal planejada e dirigida pela esposa de Rodolfo, condessa Marina; da mansão da





“Cinquant’anni di colonizzazione italiana in Brasile”: Rodolfo Crespi em seu escritório

família Crespi na Avenida Paulista; e da fazenda de Araras, também visitada por italianos ilustres, como Pietro Badoglio em 1924 e Italo Balbo em 1931.

Rodado em abril de 1937, o filme, de 20 minutos, integra hoje o acervo da Cinemateca Brasileira. Três minutos são dedicados ao *Istituto Medio*. Algumas seqüências do cotonifício e da fábrica de chapéus foram depois exibidas em um cinejornal italiano, produzido em 1939 pelo Istituto Luce. O documento é precioso, seja pela narração que acompanha as imagens, seja pela linguagem dos corpos, cujos movimentos se tornam menos controlados e mais eloquentes em tempos de relativa espontaneidade dos sujeitos.

Três anos antes, Crespi fora excluído da administração do *Istituto*. Com as alterações no estatuto da sociedade fundadora, concluídas no fim de 1934, ele foi nomeado presidente perpétuo, cargo que não previa as funções de controle e de representação. Tais funções eram agora atribuídas ao cônsul-geral da Itália, presidente honorário do Conselho de Administração, e ao diretor-geral pedagógico, Luigi Borgogno, enviado pelo governo italiano. Crespi, com relutância, colaborou na revisão do estatuto. Alguns meses depois, e imitado por parte dos sócios fundadores, renunciou às suas cotas de capital em favor do governo italiano,

pois lhe deram a entender que a Società Dante Alighieri seria fechada. Em dezembro de 1935, o embaixador da Itália no Brasil, Roberto Cantalupo, escreveu a Mussolini, naquela época também ministro das Relações Exteriores: “... Com prazer reconheço que a dita transformação... se deve só ao professor Luigi Borgogno”. Um ano antes, em dezembro de 1934, assim escrevera ele ao cônsul-geral da Itália em São Paulo, Gaetano Vecchiotti: “... Crespi poderá renunciar às próprias [cotas] perante a assembleia e por escrito, para não perder a reputação. Ao fazer assim, será impossível pensar que ele sofre.”.

L’Unione, jornal dos ítalo-brasileiros de São Paulo, no dia 8 abril de 1935, uma segunda-feira, escrevia: “A colônia gostaria de conhecer as razões que convenceram o conde Rodolfo Crespi a se afastar do *Istituto Medio Dante Alighieri*, que, como todos sabem, foi fundado por ele e levado por ele ao atual nível de prosperidade... Não estamos em condição de saciar as justas e naturais curiosidades da colônia, mas achamos que o conde Crespi não teria qualquer razão para se magoar...”

Nos três minutos rodados no *Istituto Medio* em 1937, o estado de ânimo de Crespi é denunciado pela linguagem do corpo. Na tribuna de honra, ele não está na primeira fila. Ao entrar e sair do prédio, mantém um baixo perfil de visibilidade.

Até a imponente figura do cônsul-geral Castruccio, ao centro dos dois fotogramas, parece não compartilhar do clima marcial da manifestação que celebra o aniversário de Roma com a cerimônia da Leva Fascista (uma espécie de rito de passagem para jovens ingressantes no Partido Nacional). Aliás, Castruccio, medalha de ouro pelo brio militar na Primeira Guerra Mundial, tornou-se em 1943 cônsul-geral da Itália em Salônica. Na cidade grega, aproveitando-se de sua posição, substraiu centenas de judeus à deportação para a Polônia (deportação essa ordenada pela SS), organizando-lhes um trem para Atenas, cidade então controlada pelo Exército italiano.



Mas, agora em São Paulo, de um extremo a outro da arquibancada do *Istituto Medio*, por ordem de Roma, estende-se uma longa faixa com a frase de Mussolini: “Crer, obedecer, combater”. Da fachada do ginásio, financiado por Crespi e doado ao *Istituto* em 1917, foi retirada a placa de bronze do escultor Armando Zago, com o perfil do doador e com os agradecimentos de professores e estudantes. Em uma foto dos anos 50, porém, a placa já aparece de novo em seu lugar de origem.

A Crespi não sobraria muito para viver. Faleceu em São Paulo, no dia 27 de janeiro de 1939, depois de uma existência álgida e exitosa, pontuada por momentos de profunda decepção, dos quais o mais duro foi o trágico falecimento do filho Dino, aos vinte e nove anos. Em seu testamento, Rodolfo se declarou fascista, sublinhando que já se reconhecia como tal “antes mesmo que o fascismo existira como partido”. Chegou a determinar que o sepultassem em trajes de camisa-negra. Apesar disso, examinando as fontes primárias, verbais e não verbais (os rascunhos de 1924 e o curta-metragem de 1937), é válido cogitar sobre o que ele realmente quis dizer, pouco antes de morrer, ao definir-se como “fascista”. Pode-se supor, por exemplo, que tivesse a consciência do próprio atuar “quase ditatorial”, e a autopercepção do papel de capitão da indústria italiano no estrangeiro, ficando rico do nada, financiador de Mussolini e da sua política estrangeira. É de notar, porém, que, enquanto pôde administrar e representar o *Istituto* para cuja fundação havia intensivamente se dedicado, isto é, até o ano de 1934, a linha educativa se manteve livre e independente das pressões externas. O *Istituto Medio*, para ele, mais que uma criação própria, era mesmo “uma parte da alma”. Ele o fundara para o bem dos próprios filhos e dos outros. Para o bem dos jovens de São Paulo. Seu coração mandou, ele obedeceu. O coração de Rodolfo Crespi só cumpria as ordens de Rodolfo Crespi.



“Não procures nada que não venha de ti”. No ex-libris da filha Renata, essa frase de Pirandello não é sinal de íntima adesão às grandes campanhas políticas italianas. Ela se relaciona, sim, com os rascunhos escritos em Roma três anos antes da visita de Pirandello a São Paulo. Ao longo de toda a vida, Rodolfo procurou em si mesmo as razões de sua atuação política e social. Nos momentos difíceis, talvez lhe sucedesse procurar alguma luz, mas não era homem de consentir turvar-se a razão, nem de permitir ludibriar-se por miragens. Sob qualquer céu, mais do que ao sol, pediu ajuda às estrelas. Como fez em Roma com aquela estrelinha no papel timbrado do Grand Hotel da Via Veneto, por ter-lhe talvez lembrado o

olhar de uma moça entrevista na cozinha daquele Hotel Comércio da Rua Florêncio de Abreu, em São Paulo. Os dedos dela, enfarinhados, dançavam entre feiras de *cappelletti*. Em muitos brasões há pelo menos uma estrela. Mas aquela estrelinha do Excelsior, Rodolfo a colocou no seu brasão, firme no zênite de uma torre isolada, destacada em um gramado.

Colonização? *Figüres*. Exageros da política. Aquela estrelinha ainda brilha no firmamento e na alma de São Paulo. As luzes do céu, a cintilar nos olhos dos namorados, no papel timbrado dos hotéis, no brasão de pedra e de celuloide, nos livros de qualquer um que não procure nada que não venha de si, são parte da alma do mundo.



Olhar para o Cinquecento a partir de seu interior

Duas edições recentemente lançadas no Brasil trazem a vida de Michelangelo e três séculos de obras artísticas apresentados pelo renascentista que é o pai da história da arte

Por Luisa Destri Imagens: domínio público

Aos admiradores da arte de Michelangelo e aos turistas que, amontoados na Capela Sistina, procuram tirar fotos proibidas do afresco pintado pelo artista, parecerão estranhas as seguintes palavras trocadas entre dois homens do Renascimento: “E decerto sereis mais feliz, glorioso e rico por ter feito essa obra, que se tivésseis pintado a capela de Michelangelo, a qual se vai consumindo pelos saís e pelas rachaduras. Escreveis, irmão meu, escreveis!”

O autor da frase é Paolo Giovio (1483 – 1552), historiador renascentista. O destinatário da carta onde ela está registrada, Giorgio Vasari (1511 – 1574), autor de uma biografia de Michelangelo. E o incentivo diz respeito não apenas ao fato de Vasari ter composto a biografia de um dos maiores artistas ocidentais, mas à importância de se haver proposto também a redação de ambiciosas obras com o intuito de registrar e compreender o esplendor artístico na Florença renascentista.

Vida de Michelangelo Buonarroti e Vidas dos artistas (veja box na página ao lado), ambos editados pela primeira vez na Itália em 1550 e recentemente lançados em tradução integral no Brasil, permitem compreender por que a tarefa é tão gloriosa. Ao registrar e tentar compreender as obras deixadas pelos grandes artistas de seu tempo, Vasari inaugurou a história da arte tal como a conhecemos.



Retrato de Alessandro de Medici (1510 - 1537), com quem Vasari estudou, e que depois governou Florença, de 1530 a 1537. Ao fundo, vê-se a cidade, com a famosa cúpula de Filippo Brunelleschi

Sua consciência histórica está expressa já na estrutura de *Vidas dos artistas*. A uma primeira parte dedicada a exposições teóricas sobre escultura, pintura e arquitetura, seguem-se três outras apresentando os artistas agrupados segundo a concepção de evolução artística que teria havido entre os séculos XIV e XVI.

Na primeira seção, estão os que trilharam sozinhos os caminhos em direção à melhor expressão. *Vidas* tem início, assim, com Cimabue (1240–1302), que, conforme escreve Vasari, “entre tantas trevas foi a primeira luz da pintura, não só no delineamento das figuras, mas também em seu colorido e, pela novidade de tal exercício, se tornou notório e celeberrimo”. Em seguida, surge Giotto (1266 – 1337), considerado o precursor da perspectiva na arte.

Um segundo momento histórico corresponderia a avanços técnicos, e se representa, por exemplo, no pintor florentino Masaccio (1401 – 1428), que deu “vivacidade” e “relevo” às pinturas, além de ter inaugurado o retrato das figuras com os pés no chão – e não nas pontas dos pés, como era o costume anteriormente.

A última parte está dedicada ao momento em que se logra “superar os tempos antigos e tornar tão gloriosos os modernos” – processo consolidado nas obras, por exemplo, de Leonardo da Vinci, Rafael e, claro, Michelangelo. O artista ao qual

Vasari dedicará um único livro figura, assim, como o ápice de um processo de superação.

O início do tomo dedicado a Michelangelo nas *Vidas* e o próêmio (canto introdutório) a *Vida de Michelangelo Buonarroti* são coincidentes. O texto revela não apenas a posição em que o artista é colocado por Vasari, mas também o intenso domínio que o autor tem sobre a escrita. Em uma prosa sedutora, a personagem surge como alguém predestinado às transformações das artes desde antes de seu nascimento: “[o Reitor do Céu] quis dar-lhe por pátria Florença, digníssima entre as cidades, para mercidamente coroar enfim a sua perfeição em todas as virtudes por meio de um seu cidadão”.

Que o leitor não estranhe, aliás, outro fator derivado da relação de Vasari com seu tempo: se se destaca como artista da palavra, embora tenha sido também pintor e arquiteto, não é contrariando a tendência da época. Embora o Renascimento nos pareça um período de predomínio das artes visuais, os grandes artistas florentinos, como é o caso de Giotto e Michelangelo, jamais deixaram de cultivar as letras. A própria formação de Vasari, aliás, ocorre em domínio oficial: sua educação é conferida pelo pai aos Medici. O menino Giorgio estuda em companhia de dois filhos bastardos da família, Ippolito e Alessandro, razão que motiva sua saída da cidade natal, Arezzo, em direção a Florença, onde por meio das lições logo começa a se destacar.

O prazer do texto é novamente evidente nas descrições que Vasari efetua das obras, com riqueza de detalhes e destreza na composição das imagens, e na narração dos eventos biográficos. A construção das personagens parece sempre consequente, assim como a seleção dos episódios.



O Sepulcro de Júlio (1505 - 1545), de Michelangelo, está na Basílica de São Pedro. Em episódio registrado por Vasari, a dedicação ao término dessa obra foi o motivo alegado pelo artista ao papa Paulo III, a quem ele negou servir

Numa passagem, por exemplo, que dá conta da ambígua relação mantida por Michelangelo com o poder – subordinava-se a ele, mas sempre desejando ter liberdade para desenvolver sua obra –, um Sumo Pontífice é retratado como um mesquinho e comum mortal: “Por trinta anos, alimentei este desejo e agora que sou papa não terei de satisfazê-lo?”, pergunta o papa Paulo III ao artista, que se recusara a servi-lo sem antes terminar o prometido sepulcro de Júlio.

“Por sua pena, e não por seu pincel, continua entre os maiores

temperamentos do nosso *Cinquecento*”, afirmou em 1974 um editor de Vasari, conforme relato de Giovanni Previtali na introdução a *Vidas dos artistas*. Seus livros são, assim, o seu maior monumento, embora tenha legado a Florença – exercendo a arquitetura conforme lhe recomendara Michelangelo – a Piazza degli Uffizi, o corredor que liga o Palazzo Vecchio e os Uffizi ao Palazzo Pitti pela Ponte Vecchio, entre outras obras que os turistas, amontoados, procuram incansavelmente fotografar.



Vida de Michelangelo Buonarroti: Editora Unicamp, 2011, 808 páginas, R\$ 86



Vidas dos artistas: Martins Fontes, 2011, 856 páginas R\$ 125

Assim (não) é se lhe parece

Por Luisa Destri*



“**A**s ações que, na realidade autêntica, ressaltam um caráter não se destacam contra um fundo de experiências ordinárias e detalhes banais?”, pergunta o narrador de uma novela de Luigi Pirandello. A sentença, embora aqui tomada em sentido estranho ao seu contexto, identifica um dos interesses principais

do autor: destacar, no que há de mais corrente nas relações humanas, os indícios das motivações profundas de suas personagens.

Não por acaso, o casamento e o adultério são temas frequentes em seus textos. E as personagens em pequenos gestos traem a si mesmas, permitindo que uma sucessão irônica de eventos e um narrador astuto e distanciado lhes revele o sentimento que até de si tentavam esconder.

Nessa coletânea é exemplar o que ocorre em “A senhora Speranza”: desejando “se resguardar do perigo de contrair matrimônio”, Biagio

Speranza, um conquistador incorrigível, casa-se com a dona da pensão que frequenta. O enredo, ao mesmo tempo trágico e cômico, não tardará em mostrar, porém, que ele estava fadado, desde o início, ao casamento em seu sentido mais primário.

O argumento é o mesmo de “Não é uma coisa séria”, cujo protagonista partilha as motivações de Speranza, encontrando, contudo, destino diferente. As duas novelas resultaram em *Mas não é uma coisa séria*, encenado em Livorno, Itália, em 1918. Foi esse o critério de escolha, aliás, dos textos do volume. As 40 novelas reunidas são as que resultaram nas 30 peças para o teatro redigidas por Pirandello – estão aqui, por exemplo, as três narrativas originárias da célebre *Seis personagens em busca de autor*.

Para além do natural interesse pela qualidade dessa escrita, a seleção vale também pela maneira como expõe as obsessões de Pirandello: no cruzamento dos diferentes textos e dos textos de diferentes gêneros, delinea-se um autor que se valeu de todos os meios para buscar a verdade de suas personagens.

40 novelas de Luigi Pirandello
688 páginas - Companhia das Letras

Trecho

“A arte, meus senhores, tem a tarefa de tornar as almas imóveis, de fixar a vida em um momento ou em vários momentos determinados: a estátua em um gesto, a paisagem em um aspecto instantâneo e imutável. Mas que tortura! E a perene mobilidade dos aspectos sucessivos? Ou a fusão contínua em que as almas se encontram? Assim falo a meus distintos personagens. Sim! Como se falasse às paredes. Em seguida, para livrar-me de sua presença e escapar ao assédio mudo e oprimente, me resigno a escutá-los.

Ah, que canalhas! Depois de lhes dar meu sangue, minha vida, de sentir suas dores e desgraças como se fossem minhas, assim que saem do meu escritório vão dizendo pelo mundo – sim, senhores – que sou um escritor burlesco, que, em vez de fazer as pessoas chorarem por suas misérias, eu as faço rir etc. etc. Não suportam particularmente a descrição minuciosa que faço de alguns defeitinhos físicos e morais. Todos queriam ser belos, esses meus personagens, e moralmente irreprocháveis. Miseráveis, sim, mas belos. Vejam só!”

Aventuras de amor e de loucura



Um dos textos fundamentais do Renascimento, *Orlando Furioso*, de Ludovico Ariosto, tem na história de sua recepção ricas contradições. Publicado inicialmente em 1516, mas havendo encontrado sua versão definitiva apenas em 1532, logo conquistou o gosto popular. As mulheres são retratadas como

as “damas” da época, mas têm uma liberdade de escolha atípica. Quanto ao pensamento cristão, trata-se de uma apologia à renovação da qual Dante Alighieri é o principal representante.

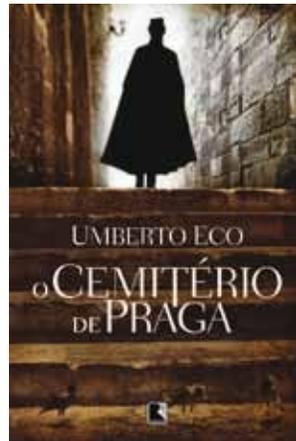
Esses fatores, expressos num texto que conjuga aventura, drama, romantismo e riso, levaram os eruditos a inicialmente recusar o valor da obra. Talvez por se tratar de algo subversivo, como sugere Pedro Garcez Ghirardi, tradutor desta versão, as atenções se voltaram à forma, ignorando o conteúdo. Mas nem isso impediu que grandes nomes da cultura ocidental, como Miguel de Cervantes e Maquiavel, exaltassem o longo poema de Ariosto.

O que se tem aqui é a história de um homem enlouquecido de amor. Na busca por Angélica, Orlando vai se perdendo, impossibilitado de aceitar que não é o alvo das atenções da amada. Trata-se de uma dama, aliás, “Que encara o mundo todo com desdém/ Nem crê que merecê-la possa alguém”.

Ao expor as tentativas de Orlando em fazer da realidade a sua fantasia, o narrador luta contra a própria loucura: “Que eu possa dar a obra prometida”, deseja. Eis aqui o primeiro volume da primeira tradução integral do poema no Brasil – acompanhada por ilustrações de Gustave Doré.

Orlando Furioso
664 páginas - Ateliê Editorial

A memória coletiva redescoberta na individual



Numa Paris recentemente reconstruída por Haussmann, dá início a um sombrio e venenoso relato um homem cuja identidade é desconhecida inclusive por si mesmo. Suspeitando de que possa ter dupla personalidade, Simone Simonini assume a tarefa de registrar tudo o que lhe vem à mente, na expectativa de encontrar

algo que ao mesmo tempo o surpreenda e lhe revele sua verdade.

E o que lhe vem à mente são ódios e preconceitos dirigidos a qualquer alvo possível: não é preciso que seus escritos avancem muito para que alemães, austríacos, judeus, italianos, franceses, mulheres, padres e estudantes se vejam completamente destruídos por sua pena furiosa. Nem mesmo personagens históricas, como certo Sigmund “Froïd”, lhe escapam: sob seu ponto de vista, o pai da psicanálise é somente *mais um* entre tantos judeus sórdidos.

Apesar de sua repulsa por Freud, o protagonista parece seguir a análise por ele proposta – como esclarecem suas próprias palavras: “Decidi manter este diário, embora da frente para trás, contando-me meu passado, à medida que consigo fazê-lo me voltar à mente [...], até que o elemento (como se dizia?) traumatizante apareça.”

E o leitor, convidado a acompanhar esse relato por um narrador que lê o diário “por cima dos ombros” de Simonini, conhece importantes episódios históricos do século XIX pelos olhos de um falsário. Assim, tal como procede em seu ofício – o de criar falsos documentos –, o protagonista se esforçará por ressignificar eventos como a Comuna de Paris e o Risorgimento italiano.

O cemitério de Praga
480 páginas - Record

*Luisa Destri, jornalista, é mestre em Teoria Literária pela Unicamp

A voz do rap italiano

O rapper Fabri Fibra, que teve seu talento reconhecido na Itália em 2011, começa 2012 preparando-se para o lançamento de seu novo álbum

Por Lucas Nobile

O ano de 2011 foi extremamente significativo para artistas brasileiros com a retomada de espaço do rap nacional. Nomes como Criolo e Emicida ganharam a maioria dos holofotes por terem arrebatado diversas premiações e serem incluídos em quase todas as listas de melhores discos e performances do ano. Eles não foram os únicos. Figuras como Ogi, Projota, Rashid, Lurdez da Luz, Flávio Renegado, Doncesão, entre tantos outros, ajudaram a quebrar paradigmas e a mudar conceitos sobre o gênero.

Fora do Brasil, principalmente na Itália, 2011 não foi tão revolucionário

em termos de estética e mensagem para o rap, mas foi consagrador para um nome da cena local: Fabri Fibra. O ano do rapper nascido em Senigallia, na província de Ancona – quando ele lançou apenas o miniálbum *Tranne Te: Rap Futuristico* – foi marcante em termos de reconhecimento. Em um período de menos de oito meses, Fibra ganhou prêmios importantes no

cenário europeu, como o Wind Music Awards e o Superman, da TRL Awards, além de ter recebido um disco de multiplatina, pelo single *Qualcuno Normale*, e outro de platina, pelo elogiado trabalho de 2010, o álbum *Controcultura*.

Na esteira de um trabalho fértil e produtivo, 2011 representou um período de colheita de frutos para o rapper, já que o ano anterior fora absolutamente movimentado, com o lançamento de três discos. Toda a versatilidade de Fibra havia sido provada com *Turbe Giovanili Remaster* (remasterização de

seu primeiro álbum), *Quorum* (com download gratuito disponibilizado no site oficial do artista) e *Controcultura*, todos os discos apresentados em longa turnê europeia.

Aos 35 anos, Fabrizio Tarducci (nome de batismo do cantor) teve seu último trabalho enaltecido, principalmente, por marcar a volta do rapper a seu estilo mais puro, com rimas mais objetivas e mensagens mais contundentes. Durante um bom tempo, ele chegou a ser criticado em seu país por seguir uma linha de grandiosidade de recursos na produção de seus clipes e discos,

inspirado fortemente pela matriz do rap mundial: os Estados Unidos.

Com seis discos de estúdio, Fibra iniciou sua conturbada trajetória artística em 1995, acompanhado do DJ Lato no grupo Uomini di Mare.

Trabalhando sempre com seu irmão Nesli, ele fundou a própria gravadora, a Teste Mobili Records, em 2000, e ao longo de todo esse tempo esteve

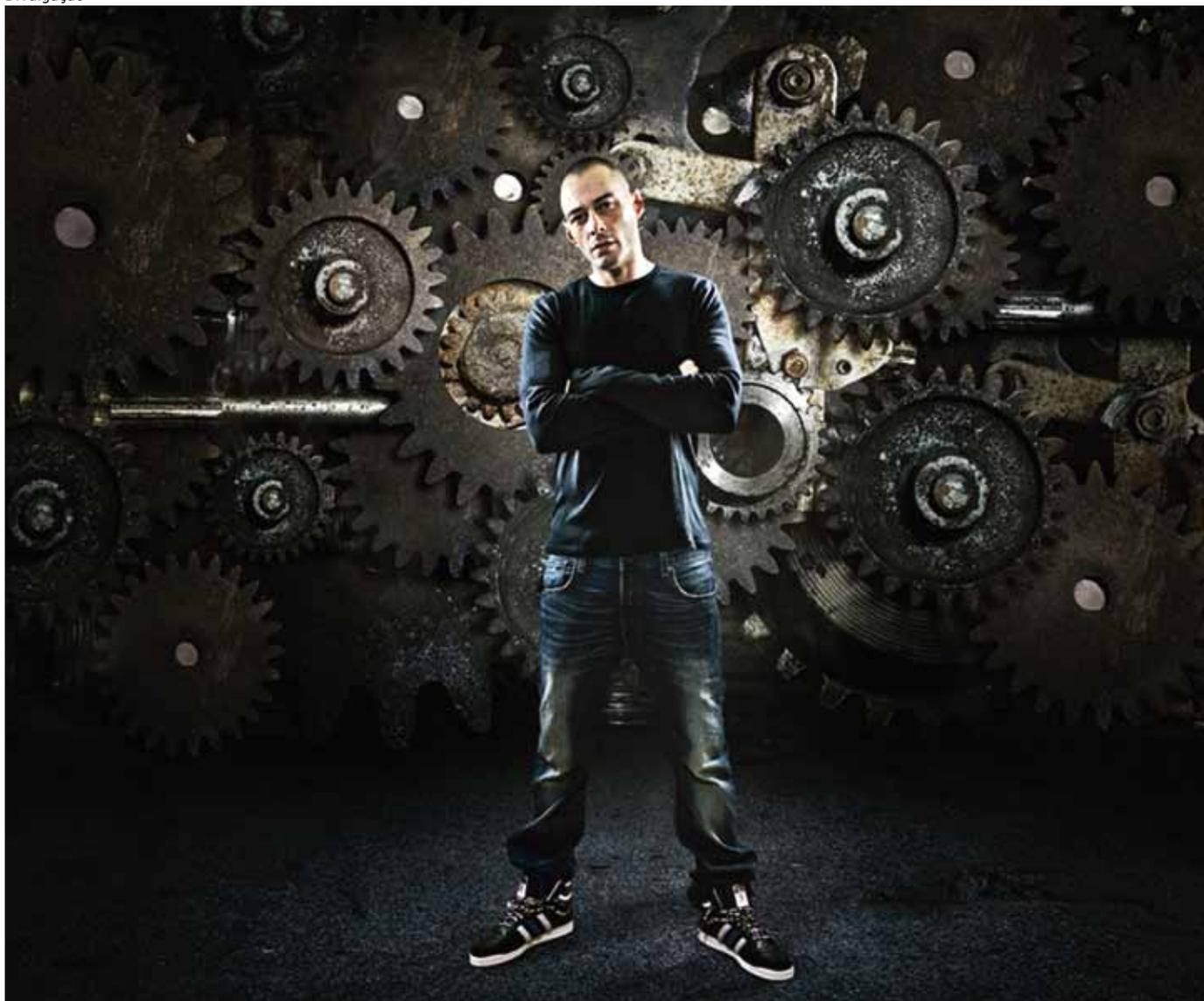
sempre envolvido em polêmicas. Chegou a perder muito público, em especial uma grande parcela feminina, pela acusação de escrever letras misóginas, tratando as mulheres como seres inferiores. Nada muito diferente do que é feito à exaustão com os venerados rappers norte-americanos, que se orgulham de ser cafetões de luxo em clipes milionários.

Fibra também impressionou a Itália em outros momentos de sua carreira, como no irônico disco *Mr. Simpatia* (2004), ao abusar da ousadia na capa e aparecer deitado e todo ensanguentado.

Divulgação



Sempre polêmico, Fabri Fibra chegou a ser criticado na Itália por fazer de seus discos e clipes superproduções, como os rappers americanos



As rimas objetivas e o protesto, mas com valorização de melodias, têm garantido o lugar de Fabri Fibra na música italiana

Ele não chegou a encenar a morte e o enterro da própria mãe, como fizera Eminem – nome com o qual ele é frequentemente comparado – no clipe *Cleanin' Out My Closet*, mas segue abordando temas espinhosos para a sociedade italiana, como a discriminação a imigrantes, classes mais pobres e adolescentes, além de criticar duramente a postura de políticos, como Umberto Bossi e o ex-Primeiro-ministro Silvio Berlusconi, que renunciou em novembro de 2011. Para 2012, Fibra promete um novo álbum, que deve chacoalhar novamente o Velho Continente. Diferente de seus trabalhos anteriores, em que ele foi revelando aos poucos o conteúdo dos discos pelo Youtube, ele ainda não divulgou nada do próximo trabalho. Para um rapper que tem

como uma de suas principais matérias-primas a desigualdade social, certamente não faltará assunto, com a União Europeia mergulhada na crise financeira.

Independentemente da temática e da estética, o que assegura o lugar cativo de Fibra como um dos expoentes de sua geração é o fato de o MC e compositor entender que o rap tem suas origens no ritmo e na poesia (*rhythm and poetry*), mas que, para se renovar, precisa ser trabalhado também com boas melodias e harmonias. Não só com bases eletrônicas criativas, mas também com um instrumental benfeito, em temas como “Le Donne”, “Qualcuno Normale”, “Vip in Trip” e “Bugiardo”, Fibra já provou para o mundo inteiro que merece ser ouvido.

Música e paixão no sangue napolitano

O olhar do ator e diretor estadunidense John Turturro sobre a produção musical de Nápoles, no documentário Passione

Por Marcella Chartier

Imagens: Divulgação Paris Filmes

A cidade reconhecida de imediato por ser a casa de uma máfia italiana ainda forte nos tempos atuais recebeu, em 2011, uma espécie de homenagem de um ítalo-estadunidense, que a retratou com muito mais leveza e beleza – não sem o mesmo vigor, porém – do que estamos acostumados a ver no cinema quando se trata de Nápoles. O ator e diretor nova-yorkino John Turturro (que atuou em filmes como *O sequestro do metrô 123* e *Transformers: a vingança dos derrotados*, ambos de 2009) tem ascendência italiana e um fraco por produções musicais. Seu último filme antes do documentário *Passione*, que retrata a intensa relação do povo napolitano com os ritmos quentes e sons que se ouvem por toda a cidade, também era um musical: *Romance e cigarros*, de 2005. Mas o documentário vai muito além de ser um filme sobre a música napolitana: ele é como se fosse ela própria, e, como sua categoria aponta, documenta cenas sonoras da efervescente vida musical da cidade.

Quem espera um filme cheio de informações ficará frustrado. Os poucos dados históricos acerca do tema surgem em trechos de entrevistas feitas com músicos locais ou em falas do próprio Turturro, em uma espécie de mediação artística que ele faz entre as performances musicais. “Te amo hoje, mas amanhã, não sei”, nos diz o ator, logo no início do filme, referindo-se ao caráter contraditório dos napolitanos, com sua peculiar intensidade no modo de vida e nos sentimentos – uma potencialização do comportamento italiano em geral, já tão conhecido. Talvez seja esse um reflexo

da própria condição dúbia da cidade: linda, mas difícil, como se define no filme. Nápoles é um dos maiores centros urbanos da Itália, menor em população apenas do que Milão e Roma, e, como se vê em tantas grandes cidades hoje em dia, possui problemas de criminalidade e pobreza gritantes. Fora a crise do lixo, resultado de anos sem aterros sanitários suficientes e da ação da máfia na administração desse mercado.

Mas nada disso se vê escancarar em *Passione*. Do contrário, vê-se uma Nápoles rica, principalmente do ponto de vista étnico, já que invasões de diversos povos ao longo da história trouxeram ao lugar um mosaico populacional bastante variado. A forte influência dos árabes, normandos, franceses e espanhóis se reflete na música, e o filme retrata bem essa variedade. O saxofonista e cantor James Senese, filho de uma italiana com um afro-estadunidense que era soldado e chegara em Nápoles no final da Segunda Guerra Mundial, aparece em uma performance que nos faz lembrar Tim Maia, principalmente pelo timbre da voz e um pouco até pela fisionomia do cantor. Mas tanto seu estilo musical quanto a interpretação soam mais passionais e bem menos alegres do que a do artista brasileiro. Além da música, Senese fala sobre o preconceito sofrido por afrodescendentes como ele, uma questão até hoje ainda recorrente por ali. E identifica sua sensação de ter um lugar, propriamente, mas de não pertencer totalmente a ele, como o estopim para a inspiração dramática de muitos artistas napolitanos.

Toda essa dramaticidade está fortemente presente nos sucessivos videoclipes que se intercalam, na edição do filme, com as falas de Turturro e algumas entrevistas. São interpretações de artistas locais de vários estilos para clássicos da música napolitana – ou mesmo italiana, como é o caso de *Sole mio*, apresentado numa bonita versão do ícone Sérgio Bruni e do cantor, e ator de vasto currículo artístico, Massimo Ranieri. A mesma música se estende na interpretação da cantora tunisiana M'Barka Ben Taleb, que vive há anos em Nápoles e gravou algumas canções napolitanas em árabe.

A escolha da estrutura do documentário não é à toa. Os videoclipes são verdadeiras encenações coreografadas, provavelmente remetendo às *sceneggiatas*, histórias feitas sobre as músicas que deram origem a um fenômeno teatral napolitano. A sensualidade e a espiritualidade são as duas forças mais perceptíveis ao longo das performances. A primeira, essencialmente nas danças das mulheres pelas vilas da cidade ao som de *Nun te scurda*, cantada pela mesma tunisiana mencionada acima, com os músicos Raiz e Pietra Montecorvino; a segunda, representada especialmente na apresentação de Peppe Barra de *Tammuriata nera*, em que o calor dos tambores e as vozes contínuas e fortes parecem mesmo cumprir a missão entendida como a dessa música: exorcizar a guerra.



Cenas do filme *Passione*. No alto, o diretor John Turturro faz uma divertida participação, à frente do elenco

Em uma coexistência de humores bastante peculiar dos próprios contraditórios napolitanos, o filme consegue nos fazer ouvir os encantos da cidade sem deixar de reconhecer suas feridas - e tratando-as, inclusive, como componentes também definidoras do espírito vivo, apaixonado e intenso de quem vive ali, compondo, cantando e dançando.

Harmonia de Movimentos

Como o paulistano, neto de italiano e ex-aluno Armando Ferla construiu sua vida com a destreza de sua raquete dentro das quadras de tênis

Por Barbara Ramazzini

Não é difícil perceber que o tenista Armando Ferla, de 81 anos, é uma pessoa conhecida no clube que frequenta, em São Paulo. Os cumprimentos que começam na portaria seguem por toda a caminhada até ele chegar aos bancos em frente ao lugar que lhe é bem familiar: as quadras de tênis. Foi ali que ele concedeu a entrevista à Dante Cultural. Entre uma história e outra, fazia pausas para um aceno ou uma breve prosa com amigos.

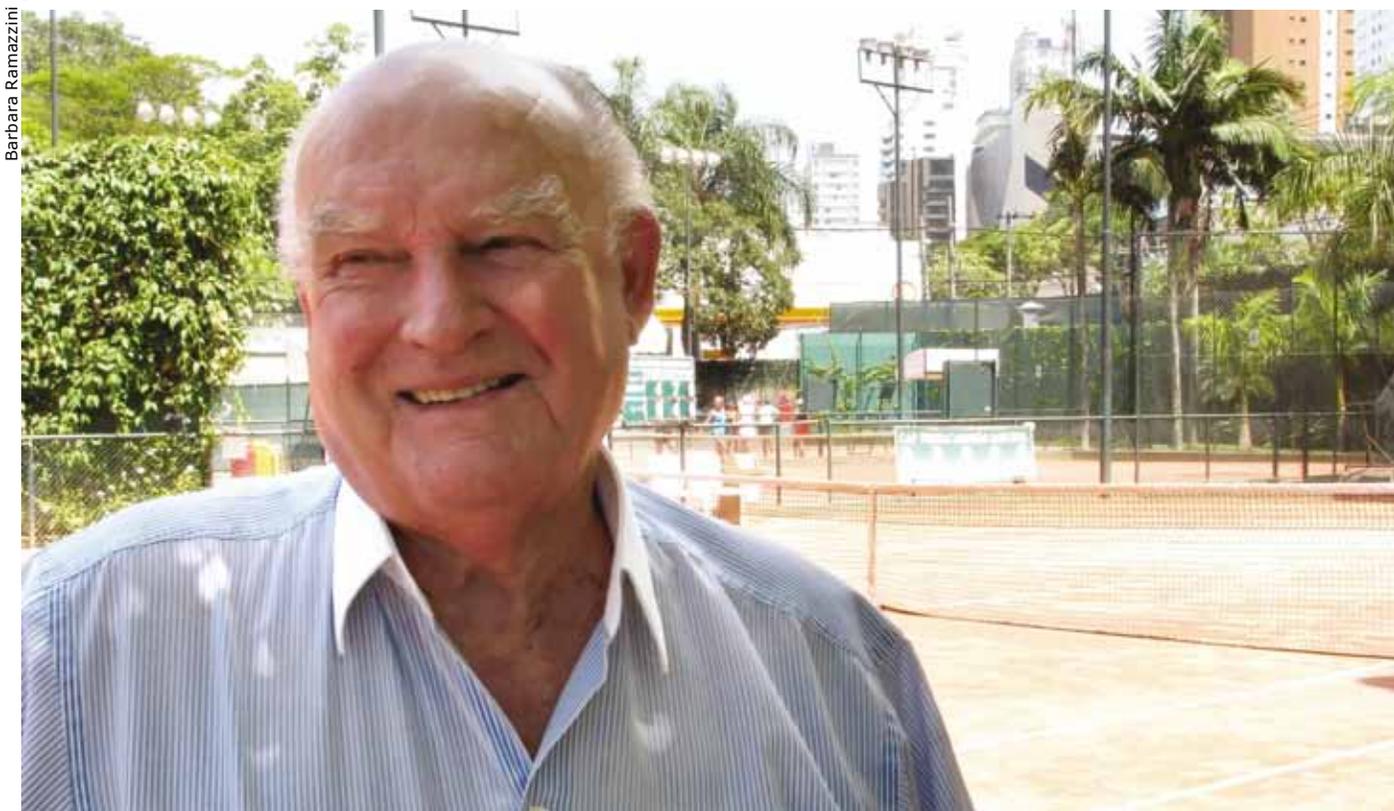
Irriquieto e cheio de disposição, além de presidir o conselho fiscal do Clube Paulistano pelo terceiro mandato consecutivo, Ferla não largou a raquete e a bolinha. Faz parte até hoje de um time de

Apesar de o tênis nunca ter sido sua principal atividade, é a grande paixão da vida de Armando Ferla

veteranos defendendo o seu grêmio recreativo nos campeonatos dentro e fora do país.

A veia de esportista é coisa de família. Seu pai, Mário Ferla, filho de italiano, foi um exímio praticante de atletismo, competindo pelo simples prazer de obter uma medalha ou troféu. Tal devoção lhe rendeu uma homenagem póstuma: uma placa disposta no próprio clube em reconhecimento à sua atuação não só como atleta, mas como conselheiro e sócio benemérito. O filho também manteve-se como amador, mesmo jogando com o talento de um profissional.

Nascido na rua Oscar Freire, no bairro dos Jardins da capital paulista, Armando Ferla sempre dividiu o horário de estudo com a prática de diversos esportes no Clube Paulistano. Embora tenha



Barbara Ramazzini

passado quase a vida escolar inteira em outro colégio, o seu ano de Dante Alighieri ainda lhe traz boas memórias. “Recentemente voltei lá para conversar com o presidente [José de Oliveira] Messina, meu contemporâneo de Dante. Na hora em que eu cheguei ao portão, retornei aos meus 20 anos. Aquele prédio, aquele sino... Eu não podia imaginar que se passaram 60 anos e eu estava vendo o Dante como quando eu era jovem. Ainda mais no momento em que vi os meus dois netos correndo ali no pátio”, relembra o ex-aluno. No clube, fez vôlei, basquete e até mesmo decátlon (as dez provas de atletismo, que incluem salto em distância, lançamento de disco, entre outras), mas o tênis se revelou um dom.

Aos 10 anos, ingressou nas quadras. Seu primeiro professor, o alemão Emílio Wadewitz, era um caça-talentos. Ensinou ao novato que o tênis é uma harmonia de movimentos e não um esporte de força, lema que Ferla segue ainda hoje. O jovem participou de campeonatos juvenis, estaduais e brasileiros até chegar à graduação, aos 22 anos. Apesar da afeição pelos esportes, optou pelo curso de Direito.

Mas isso não o impediu de continuar treinando – pelo

arquivo pessoal Armando Ferla



Em 1955, Ferla representou pela segunda vez a Faculdade de Direito do Largo São Francisco, onde estudava, nas Olimpíadas Universitárias. Na foto, recebe os cumprimentos pelo segundo lugar

seu desempenho nas quadras chamou a atenção de olheiros estadunidenses. No quarto ano da faculdade, em 1956, recebeu uma bolsa de estudos do governo do Texas – e para lá se foi com o intuito de cursar Economia e Administração. Em troca, seria um dos representantes da equipe de tênis da Universidade de Lamar. Honrou o seu posto de capitão com cinco anos de vitórias nos campeonatos interuniversitários.

Durante as férias dos estudos, não tinha trégua. Aproveitava os dois meses do verão e ia para a cidade de Houston ensinar milionários a jogar

tênis num clube. Como efeito da experiência, notou que, nesse esporte, é preciso ter, além de um bom professor, jeito e vontade. “Alguns meninos apareciam para jogar porque suas mães assim queriam. Mas eles gostavam de beisebol. Até seguravam a raquete como um taco”, lembra. “Eu acredito em dom. Existem pessoas que nasceram para fazer alguma coisa. Bem orientadas, elas

arquivo pessoal Armando Ferla



O pai de Armando, Mario, já era figura respeitada por conta da dedicação ao esporte, no mesmo clube que seu filho frequenta até hoje. Acima, placa em homenagem a ele, no Paulistano

serão bem-sucedidas. Caso contrário, o talento se escoa. Na vida há uma porção deles desperdiçados”, lamenta Ferla.

Sua sociabilidade no grêmio recreativo fez com que se aproximasse de importantes figuras, como o ex-presidente estadunidense George H. W. Bush, o pai. Naquele período, Bush ainda caminhava em sua carreira política. Tornaram-se amigos, correspondiam-se no Natal e até chegaram a se encontrar no Brasil anos depois, quando a personalidade veio ao país a convite de uma faculdade de São Paulo.

O clube de milionários no qual Ferla lecionava também foi palco de um dos jogos mais difíceis de sua trajetória esportiva. Sob um sol texano

nada amigável, ganhou o campeonato aberto de Houston, depois de quatro horas de disputa contra o australiano Warren Jacques. Perdeu cinco quilos na partida, “mas valeu a pena”, relembra o brasileiro com um sorriso no rosto.

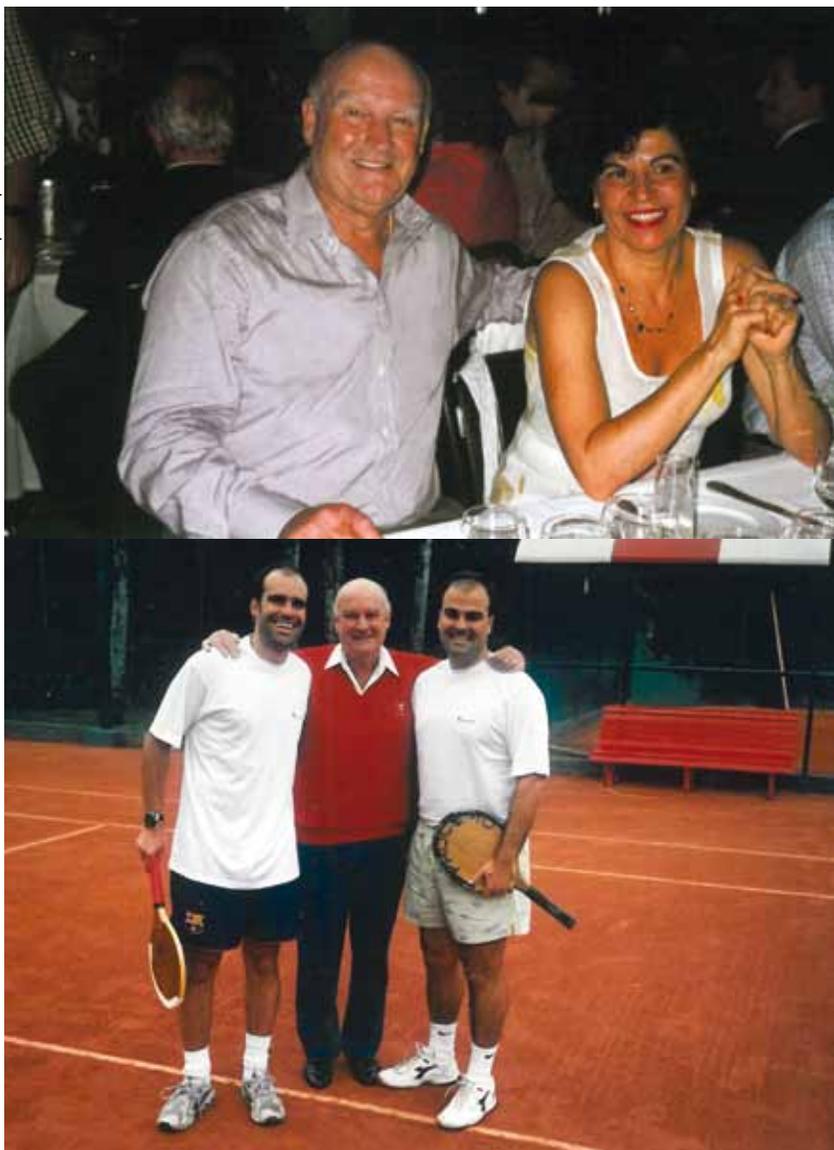
Essa vitória não foi à toa. O tenista conta que a sua condição física excepcional, quando jovem, supria alguma dificuldade técnica no esporte. “Eu era muito ágil, não havia bola perdida, porque eu corria muito”, conta. Contudo, foi nos Estados Unidos mesmo que conseguiu aliar tal habilidade com o aprimoramento técnico. “Confesso que, se eu não tivesse praticado tantos esportes ao mesmo tempo no Brasil, eu poderia ter melhorado no tênis aqui. Lá, eu despendia minha energia em

uma coisa só. Assim, alcancei o auge da minha performance na quadra em solo estadunidense”. Mas, em 1961, era chegada a hora de voltar à terra natal.

Aqui, deparou-se com uma jovem garota que tomava aulas de francês com sua mãe. Ela tinha 15 anos, ele, 31. A diferença de idade não os impediu de começar a namorar – em princípio às escondidas, confessa Ferla. Lúcia frequentava o mesmo clube que ele e praticava vôlei. E muitos passeios pelo bosque aconteceram até ela completar 21 anos e subir ao altar ao lado daquele com quem é casada até hoje. Formada em Física, optou por atuar, porém, na área de engenharia. Tiveram três filhos e três netos. Apesar de todos seguirem a linha esportiva dos pais, somente um voltou-se à área de fato. Ricardo Ferla largou o terno e a gravata de economista e hoje é personal trainer.

No Brasil, Armando Ferla seguiu sua vida profissional como administrador, até se aposentar, em 2005, com o cargo de assessor do secretário de Planejamento e Economia do Estado de São Paulo, André Franco Montoro Filho. Em meados dos anos 60, encarou o desafio de ser o primeiro juiz de um campeonato internacional de tênis no Brasil. No final da década, em 1969, a Confederação Brasileira o chamou para ser o capitão da equipe que representava o país na renomada Copa Davis, a maior competição do esporte. Nela, Ferla guiou dois grandes jogadores da história do tênis, Thomaz Koch e Edison

arquivo pessoal Armando Ferla



Armando Ferla com sua mulher, Lúcia Machado Ferla, num jantar no Clube Paulistano. Ao lado, com os dois filhos: Ricardo, à esquerda, e Bruno

Mandarino. Para o veterano, personalidades como essas são importantes para a ascensão do esporte. “O tênis se desenvolve no Brasil quando há um líder, como foi na época do Koch. Depois, veio a fase do Guga [Gustavo Kuerten]. Nunca se vendeu tanta raquete e se fez tanta aula de tênis no país como nesse momento.”

Nem quando pensou em se aposentar das quadras, aos 55 anos, elas o deixaram. Com o incentivo de um amigo, entrou para o time dos veteranos do Clube Paulistano. E não foi só para bater uma bolinha. Competiram em campeonatos nacionais e internacionais, e ganharam todos os jogos de duplas durante 20 anos. Já para jogos individuais, Ferla lamenta ter sempre um adversário invencível, o tenista Antenor Zuchetto. “Quando eu era craque, por volta dos 18, 19 anos, o Zuchetto estava começando. Depois, ele foi professor no Clube Esperia. Tinha uma facilidade para jogar tênis inacreditável! Voltei a encontrá-lo no nível veterano. Até hoje, ele acaba com todo mundo. Quando entra em quadra, penso ‘estou frito’”, ri com pesar.

Para Ferla, o tênis ultrapassou as medalhas e as amizades. Por conta dele, conheceu seu grande ídolo, o cantor estadunidense Tony Bennett. Em 2005, quando fazia um show em São Paulo, o artista foi ao clube atrás do atleta. Sabia que ele havia jogado nos Estados Unidos e conhecia a fama do tenista. Os dois jogaram algumas partidas

Com o ídolo, Tony Bennett, no Clube Paulistano

arquivo pessoal Armando Ferla



O tenista no Campeonato Mundial de Tênis de Veteranos, em Palm Beach, na Flórida, Estados Unidos, em 1995. Nesse campeonato, Ferla foi capitão da equipe brasileira e também jogou

e conversaram. No final do dia, o pedido do fã: gostaria de ouvir a música “If I ruled the world” na apresentação que faria à noite. Bennett cumpriu a promessa. A canção fala sobre como seria se o homem regesse seu próprio mundo. Com certeza, Armando Ferla soube reger o seu.

arquivo pessoal Armando Ferla



Retratos

Por Juliana Graglia Ilustração: Milton Costa

A televisão pesava mais do que ele calculava. Quase a derrubou antes de colocá-la na estante, mas agora estava lá. Todo suado e meio torto, admirou o resultado de seu esforço: vitória. O aparelho estava lá, em seu lugar de direito, no centro da sala. Não mais aquele altar bizarro que a sogra mantinha, com duas fotografias desbotadas e sempre uma vela a lhes dar um ar macabro.

Passando pela sala, a mulher só lhe lançou um olhar de desdém e continuou seu caminho para o quarto. Desde que a mãe falecera, custava a levantar e ia dormir cedo. Alberto se encolheu um pouco ante sua mesquinhez revelada, mas logo deu de ombros e voltou a aproveitar o seu momento. A TV ficava onde ele queria. A casa que sustentava era, finalmente, sua.

A falta dos retratos foi a primeira coisa que Elisa viu quando abriu a porta. As vozes treinadas do jornal repetindo as mesmas notícias da manhã. Os olhos vidrados da avó quando ela a encontrou no sofá; no mesmo lugar em que o padrasto se esbanja agora.

- A sua mãe precisa se conformar, Elisa. Faz um mês e nem as coisas da sua avó ela arrumou, está tudo lá no quarto...

- Era a mãe dela, Alberto.

- Não, claro, eu sei. Mas é que ela precisa reagir. A sua avó já era idosa, já viveu tudo que tinha para viver... Além disso, aquelas duas não se davam, desculpe falar mas a sua avó era uma mulher difícil...

- Quer alguma coisa da cozinha?

- Ah, se você passar um cafezinho eu aceito.

Por que insistia em visitar a mãe? O cheiro quente do café. A *nonna* sempre reclamava: "Mariana, por que não fez você? Não dá para beber o café da Elisa", e terminava a xícara. No fundo, Elisa sabia que passava ali para adiar o momento de voltar e encontrar sua casa vazia, quatro meses do divórcio e ela ainda abria a porta esperando uma luz acesa, algum barulho na cozinha. A alma gelou quando a *nonna* ficou sabendo do fim de seu casamento, à

toa: "*Tempo, marito e figli vengono come li pigli.*" ("O tempo, marido e filhos vêm como têm que vir"), foi a única coisa que a velha mulher disse, e por isso Elisa lhe seria eternamente grata.

É claro que a mãe não está dormindo, no máximo se escondendo... Impossível esquecer os olhos da *nonna*, vazios, quando encontraram seu corpo na sala.

"Eu tive um susto quando vi que estava grávida de novo, eu já tinha quatro! Vocês não imaginam quanta corda pulei nessa época, mas não teve jeito, nasceu prematura, mas a Mariana nasceu." Essa história ouvia desde sempre, todo mundo ria, mas a mãe baixava os olhos; o padrasto tinha razão, elas tinham seus problemas. Como ela podia dormir?

A testa apoiada nas palmas, já apareciam marcas vermelhas nos cotovelos, o padrasto ria na sala, ela via o quarto fechado. Um pavor percorreu a espinha, desses que se tem quando criança. Abriu a porta tentando ignorar a respiração apertada. Tudo estava igual, os chinelos aos pés da cama, uma gaveta entreaberta, a escova na cômoda, fios translúcidos de cabelo, tudo suspenso como se numa espera. Eram todos móveis fantasmas agora - quis e correu dali.

O padrasto gritou pelo café.

- Onde você pôs os retratos?

- Deixei ali no corredor, depois sua mãe encontra um lugar para eles, você concorda comigo, não é Elisa? Não tem cabimento deixar as fotos no meio da estante e a televisão na mesinha do lado...

Achou os porta-retratos empilhados, junto com o oratório, a vela apagada por cima. Segurou o choro. Era como encontrar um túmulo revirado. Os dois homens das fotos morreram muito antes de ela nascer, mas conhecia a devoção da *nonna*. Todas as manhãs, a cabeça coberta com um xale preto, encarava as fotografias, depois tirava o pó e trocava a vela. Disso ela quase nunca falava. "A mamãe disse que a senhora está rezando para eles, *nonna*" - ela não respondeu.

Uma foto era do avô de Elisa, um homem forte

com uma barba espessa. A outra era de um rapaz mais novo, vestido com a farda do exército italiano, tinha um rosto bonito e, apesar da pose séria, quase se via um sorriso no canto da boca. Sobre o avô ainda conhecia alguma coisa, sabia que, comunista, fugira da Itália, que era muito bravo, falava russo, que dera duro nas fábricas e que morrera cedo.

Do outro, conhecia bem menos, era um irmão da avó que morreu na Segunda guerra, isso era tudo que a *nonna* contava. De sua vida na Itália, falava do clima, das comidas, alguns causos da infância e só, falava pouco de sua família, nada sobre a guerra e a partida para o Brasil. “Eu era doce como um cordeiro, não tinha boca para nada, hoje não me curvo mais.” Agora são todas histórias perdidas.

A mãe lhe contara: a *nonna* montou o altar no dia seguinte ao enterro do marido, ela chamou

os filhos, “esse era o tio de vocês, homem bravo e reto que foi morto na guerra, aqui ninguém mexe”. Alguma vez alguém levantou a questão sobre o símbolo na lapela do soldado: calou rápido. A *nonna* tinha um olhar alto, como quem suporta os tormentos e desafia alguém a questioná-los.

Quando Elisa a encontrou no sofá, não teve a menor dúvida de que estava morta, os olhos brancos encarando seus mortos na estante. Por isso é que ainda perdia noites de sono e voltou a ter medo do escuro. Bem queria ter o olhar firme como o da *nonna*, bem queria ainda ter o olhar da *nonna*.

O padraсто conversava com a televisão, a mãe chorava e ela, não sabia bem por quê, mas acendeu a vela.



Ensaio Fotográfico

Por Arthur Fujii

Após a Segunda Guerra Mundial, a Itália tinha um território bastante destruído e várias de suas indústrias estavam danificadas. Em 1946, ao tentar reerguer uma dessas fábricas, o italiano Ferdinando Innocenti percebeu a necessidade de um meio de transporte seguro e barato para o povo, que estava passando por tempos difíceis. Assim surgiu a Lambretta, com um motor de dois tempos de fácil manutenção, capaz de percorrer 33 km com apenas um litro de combustível.

No Brasil, a Lambretta iniciou suas atividades em 1955, como Lambretta do Brasil S.A. – Indústrias Mecânicas, no bairro da Lapa, em São Paulo. O ensaio desta edição traz imagens de um dia de trabalho em uma oficina de restauração especializada, além de alguns detalhes dessas charmosas motonetas.

Agradecimentos:
Lambretta d'Época – Tel: 11 – 3946-5675
www.lambrettadeepoca.com













Os sabores fortes de uma cozinha ítalo-germânica

Por **Silvia Percussi** Fotos: **Tadeu Brunelli**

Polenta, bacon e maçãs: muito da cozinha tradicional do Trentino-Alto Adige pode ser resumido nesse trinômio. Essa região de fronteira tem uma gastronomia sem frescuras, com sabores fortes e genuínos.

O Trentino-Alto Adige pode ser considerado uma região de encontro entre os sabores das cozinhas do Norte e do Sul. Ao sul, no Trento, podem ser saboreados alguns pratos de origem latina, como as fritelas de sávia, de maçã ou ainda de queijo frito. Ao norte, em Bolzano, abre-se o mundo da cozinha nórdica com pratos da tradição alemã e austríaca, como o *knödel* e o chucrute.

A chamada cozinha tridentina introduz elementos lombardos sobre uma base tipicamente veneziana. Um elemento constante dessa cozinha é a polenta, preparada de várias maneiras: no Val di Non, por exemplo, ela é composta de farinha de milho amarela e farinha de trigo, e perto do Lago di Garda encontramos uma polenta branca feita de farinha de trigo e batatas. Há ainda a polenta negra, feita de trigo sarraceno. Quando sobram algumas fatias, elas são aromatizadas com canela, fritas em banha de porco e servidas com queijo ralado ou parmesão.

Outro ponto forte da cozinha tridentina é o peixe, proveniente dos lagos dos vales que se abrem por ali. Exemplo dessa tradição são as *trutas*

alla trentina, douradas e servidas com molho de limão, menta e passas, e também a ótima enguia assada ou cozida no vinho. Entre os pratos originários da Alemanha e da Áustria, há os *canerdelli* (ou *knödel*; veja receita na página 47); os *gnocchetti* (*nockerln*), uma variante da receita com ricota defumada; e o famoso chucrute de repolho, muitas vezes servido com os *canerdelli*.

“Um elemento constante dessa cozinha é a polenta, preparada de várias maneiras: no Val di Non, por exemplo, ela é composta de farinha de milho amarela misturada com farinha de trigo, e perto do Lago di Garda encontramos uma polenta branca com farinha de trigo e batatas. Há ainda a polenta negra, feita de trigo sarraceno.”

No norte, a cozinha tiroleza é tão marcada pela gastronomia alemã que as massas italianas são quase ausentes à mesa. O porco defumado domina essa cozinha, cujo produto alimentício mais famoso é o *speck*, uma espécie de presunto magro e defumado com um sabor característico. Ele pode ser consumido sozinho, acompanhado por queijo ou usado como tempero.

A fruta e os doces ocupam uma parte muito importante do panorama gastronômico da região. Os frutos de bosque estão presentes em grande quantidade, mas a maçã é a rainha. É servida não apenas como

sobremesa, mas também usada como tempero de carnes e risotos, ou mesmo acompanhando outros pratos, sob a forma de fritadas.

Mas, para os fãs de doces, a região é um paraíso, com seus produtos de pasteleria austríaca e alemã tradicional. O *strudel* e o *zelten* (doce natalino feito de tâmaras, figos-passas, pinhões, nozes, canela, conhaque e pão de centeio) são as opções mais atraentes.

Canerdelli

INGREDIENTES

500 g de miolo de pão
amanhecido e cortado
em cubinhos
½ litro de leite morno
150 g de toucinho defumado
cortado em tiras bem fininhas
75 g de salame cortado em tiras
2 colheres de sopa
de óleo de oliva
2 ovos
80 gramas de farinha
de trigo peneirada
salsa picada
sal

MODO DE PREPARO

Deixe amolecer o miolo de pão no leite morno por uma hora e meia. Depois, esprema-o com as mãos, deixando-o enxuto (não seco). Ponha o óleo em uma panela, deixe esquentar e adicione o toucinho e o salame. Deixe dourar. Ponha em uma terrina o pão, o toucinho e o salame, a farinha, a salsa, um pouco de sal. Junte os ovos, obtendo uma pasta compacta e homogênea. Com as palmas das mãos, faça bolotas do tamanho de um limão pequeno. Coloque-as para cozinhar em abundante água salgada, fervendo durante 10 minutos. Quando as bolotas vierem à superfície, já estarão cozidas. Retire-as, então, com uma escumadeira. Sirva com molho de tomates, de carne, ou com um bom caldo quente.



Polenta ai funghi (polenta com cogumelos)

INGREDIENTES

80 g de polenta italiana
½ cebola pequena picada
½ dente de alho socado
50 ml de azeite
100 g de cogumelos tipo shitake
50 ml de creme de leite fresco
Salsinha picada
Pimenta do reino moída na hora
Parmesão ralado em lascas grandes
sal

MODO DE PREPARO

Em uma panela, doure o alho no azeite. Adicione a cebola e refogue por alguns minutos, até que ela fique macia e translúcida. Junte os cogumelos já limpos e fatiados sem o talo e refogue por mais alguns minutos. Adicione o sal e a pimenta, regue com um pouco do creme de leite e finalize com a salsinha. Reserve.



Em outra panela, leve água à fervura e tempere com sal. Adicione a polenta aos poucos nessa água e vá mexendo em fogo brando sem parar, até atingir o ponto desejado. Sirva o molho bem quente sobre a polenta. Decore com lascas de parmesão ralado.

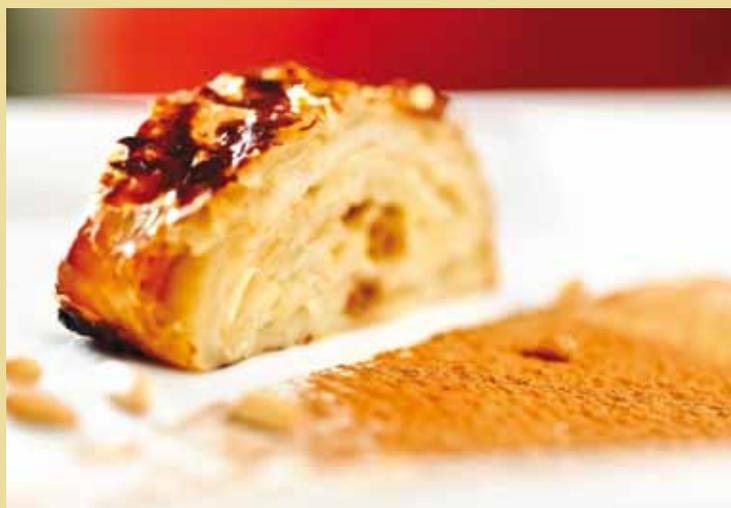
Strudel de maçã

INGREDIENTES

400 g de massa folhada pronta
2 kg de maçãs
2 colheres de sopa de pinoli
3 colheres de sopa de passas
1 xícara de açúcar de confeiteiro
½ xícara de manteiga
1 gema

MODO DE PREPARO

Abra a massa bem fina em formato de retângulo (que caiba na sua assadeira). Descasque as maçãs e corte-as bem fininhas, como batata chips. Coloque as fatias de maçã cobrindo a massa, complete com pinoli e passas. Pulverize tudo com açúcar de confeiteiro. Coloque, então, algumas bolinhas de manteiga sobre o recheio. Enrole tudo como um rocambole e coloque na assadeira untada. Se não couber nessa



posição, enrole o rocambole em si mesmo em uma assadeira redonda. Pincele uma gema sobre a massa. Leve ao forno preaquecido a 180°C durante 30 a 40 minutos, ou até dourar.

Obs: Durante o aquecimento, o suco das maçãs escapará da massa. Ele mesmo, se aproveitado sendo espalhado sobre o doce, formará uma bela crosta dourada e caramelada.

É tempo de manga!



Por **Silvia Percussi** Fotos: **Tadeu Brunelli**

O clima quente, que era tão bom na época das férias, fica um pouquinho mais difícil de aguentar com a correria do nosso dia a dia. Por isso, nada melhor do que uma fruta bem saborosa para aplacar a sede, o calor e aquela fome fora de hora!

Saiba você: a manga é originária da Ásia, e se desenvolve bem em áreas tropicais. Por isso, depois da banana, é a fruta mais produzida no mundo. É consumida em praticamente todos os quatro cantos do planeta.

Deliciosa e refrescante, a manga também contribui muito para a nossa saúde. É rica em vitaminas A e C, sais minerais, e conta com boa quantidade de vitaminas do complexo B. Na prática, isso significa que ela:

- Melhora a visão;
- Ajuda no crescimento e na conservação de uma pele saudável;
- Melhora a imunidade;
- Ajuda no crescimento dos ossos e dentes;
- Evita a calvície;
- É purificadora do sangue e diurética;
- Promove a regularidade intestinal;
- É uma poção da juventude, pois tem antioxidantes e radicais livres, retardando os sinais de envelhecimento.

Para completar, 100 g de manga têm entre 59 a 65 kcal. Só. Quer lanchinho mais do bem?

Veja só a minha sugestão para vocês!

Manga com um toque de limão

INGREDIENTES

Uma manga (de preferência rosa ou palmer, sem fiapos)
Raspas de um limão taiti
Sorvete de creme

MODO DE PREPARO

Descasque a manga, corte em cubinhos uniformes, tempere com as raspas do limão. Coloque na forma desejada e leve à geladeira até o momento de servir. Sirva com sorvete de creme.



Encontro de culturas na Itália setentrional

Nas montanhas rochosas do Trentino-Alto Adige, uma história marcada pela guerra trouxe influências alemãs e austríacas definitivas

Por Edoardo Coen

Imagens: Fototeca Enit

O cartão-postal da região são as dolomitas, rochas calcárias que mudam de cor ao longo do dia e garantem sempre uma bela paisagem



Nesta edição da Dante Cultural, nossa viagem é pela região mais setentrional italiana: Trentino-Alto Adige/Südtirol, definição oficializada em 2001. Trata-se de uma área montanhosa, bem no coração do arco alpino, com vales alternando-se com a presença majestosa das dolomitas, rochas calcárias que, principalmente à tarde, assumem uma coloração rósea, que sempre fascinaram pintores e poetas.

A região tem duas províncias: Trento, onde a maioria fala a língua italiana, e Bolzano, onde predomina a língua alemã. Isso se deve ao fato de o território dessas províncias ter abrigado, desde o século XVI até o fim da I Guerra Mundial, o Condado Episcopal do Tirol, que pertencia aos domínios da Casa de Habsburgo e era parte do império austro-húngaro.

Pela sua posição fronteiriça, e principalmente pela sua conformação, a região foi atravessada desde a mais remota antiguidade pelos caminhos que uniam a Europa central à península italiana. Por ali passaram as legiões romanas em suas investidas para a conquista da Bavária, as hordas dos bárbaros em seus avanços sobre o declinante império romano, e também alguns grandes expoentes da cultura alemã, em sua viagem para a Itália, como Goethe e Mozart.

O turista, nessa região, para integrar-se e entender

a sociabilidade da população local, deve considerar que ali, ao longo dos séculos, deu-se uma lenta e peculiar troca cultural. Latinos e austríaco-alemães conservaram com tenacidade suas tradições e costumes. Dessa mistura, surgiu a síntese daquele povo e de sua cultura, que nada mais é do que a superação das dificuldades e a combinação das melhores peculiaridades das duas civilizações.

Nem sempre o clima foi tão idílico. No período fascista, houve uma maciça campanha para uma absurda e obrigatória nacionalização, e entre 1943 e 1945, com a ocupação nazista da maioria do território italiano, houve a anexação da região ao *Reich* alemão. Tudo isso, porém, pertence hoje ao passado. Com a Europa mais unida, apesar dos percalços financeiros do momento, nasceu uma mentalidade mais aberta ao diálogo.

O Maso

Os moradores da região do Maso, desde a alta Idade Média, em sua grande maioria eram agricultores e viviam dos frutos da terra. Por meio dessa atividade criou-se, pois, um vasto panorama de pequenos fundos e núcleos populacionais localizados de preferência nas encostas dos montes e nos vales. Em torno desses primeiros núcleos, desenvolveu-se todo um sistema associativo, favorecido principalmente pela estabilidade política, que na última fase da Idade Média determinou um constante fluxo de imigração alemã.

A “célula-mater”, se assim podemos chamá-la, ou ainda a “unidade agrícola” desse processo socioeconômico foi o “*maso*”, da mesma forma como na Lombardia foi a “*cascina*”, no Vêneto, a “*villa*”, e na Puglia, a “*masseria*”. Por *maso* entende-se uma construção, preferivelmente de madeira, apoiada numa base de pedra e contendo, além dos locais destinados aos moradores, o estábulo, o celeiro, o forno, uma fonte, a horta, e em alguns casos também um moinho – o resultado era uma interessante forma de economia fechada e autárquica. O tamanho dos “*masos*” variava, de acordo com as necessidades. Em um núcleo médio, por exemplo, podia viver uma dezena de pessoas, incluindo os servos, sendo todos unidos pelo vínculo comum de um trabalho duro e tenaz.

Chegou, pois, o momento de calçar as sandálias e iniciar a viagem pelo que se apresenta aos nossos olhos.



Castelo de Buonconsiglio: um dos representantes do estilo renascentista no Trento, sede administrativa da região

Trentino

O Trento, sede administrativa da província e da região, é a fronteira entre o mundo alemão e a civilização setentrional da Itália, fato que gerou a inter-relação das duas culturas, que se uniram para produzir uma arte com características autênticas. Começaremos visitando os monumentos da época românica, como a Catedral de San Virgílio e a Basílica de San Lorenzo. O estilo renascentista é representado por vários edifícios, entre os quais se destacam o Castelo de Buonconsiglio, o Palácio de Albero e a Igreja de Santa Maria Maggiore. O estilo arquitetônico gótico se apresenta majestoso e solene, e pode ser admirado nas igrejas de Civezzano, Santo Apollinare e San Zeno. Imperdível é uma pequena joia da pintura gótica, representada pelo “*Ciclo del Mesin*”, na Torre Aquila.

Para os mais interessados na história italiana, especialmente a relacionada com a Primeira Guerra Mundial, em Rovereto (a apenas 24 quilômetros da sede trentina), há um dos mais importantes museus relacionados ao tema, o Museo Storico Italiano della Guerra.

Alto Adige-Südtirol

Essa região caracteriza-se pelo grande número de castelos, erigidos na Idade Média com a finalidade de defesa, já que seus caminhos constituíam a entrada para o interior da península itálica. Hoje, essas antigas fortificações foram transformadas em modernos hotéis, onde é possível desfrutar de ótima hospitalidade.

Poderemos visitar os mais sugestivos, que são o Castelo d’Appiano, o Castelo Grande em Appiano, o Castelo-Convento de Sabiona de Chiusa e o Castelo Fontana, em Bolzano. Para o turista sensível, são justamente esses lugares que fazem com que se evoquem fantasias vivas de tempos remotos.



À esquerda, o santuário de San Zeno, também no Trento. À direita, uma igreja também de San Zeno, mas em Bolzano

Vilarejos charmosos

Conhecemos agora dois pequenos lugarejos que nos darão a ideia de como se formaram os aglomerados urbanos da região, originários daquilo que foi denominado “célula-mater”, ou seja, o *maso*. Ambos se encontram a pouca distância de Trento, e a alguns quilômetros um do outro.

Pietramurata é um pequeno vilarejo que tem uma origem singular. Em época desconhecida, deu-se uma grande avalanche que, por muitos quilômetros encheu o vale de pedras de diferentes tamanhos, formando uma paisagem árida impressionante, coberta de *maroch* (em dialeto local, a palavra tem o significado de “pedra”). Numa dessas pedras, de maior dimensão, foi construída uma torre, chamada Guaita, que delimitava o feudo de Arco. Com o passar do tempo, em volta dessa pedra formou-se uma coroa de casas que, amparando-se nela, acabaram por englobá-la em seu conjunto. É essa a razão da denominação do burgo, que tem o significado de “pedra murada”. Essas casas nada mais são que *masi* do século XVI.

Seguiremos agora para Canale, um dos exemplos mais significativos de localização nas encostas montanhosas. Trata-se de um aglomerado compacto de casas encostadas umas nas outras, para ocupar o menor espaço possível e, assim, permitir que seus moradores se defendessem dos ventos gélidos do inverno. São construções em pedra, com vários andares e pontilhões de madeira para coligarem-se com as outras. São edifícios pobres, irregulares, espelho vivo da dureza da vida. Não há igreja, nem praça, nem palácios. Os moradores, em sua maioria, emigraram. Nos muros e nas ruelas permanece, porém, a fascinação primitiva e rústica de uma civilização que se desenvolveu ao longo dos séculos.

A vontade de um pintor permitiu a restauração de uma construção: a Casa dos Artistas. Essa iniciativa fez com que turistas, artistas, amantes do mundo antigo e das artes pudessem dar início agora a uma lenta recuperação do burgo.

Finalizando nossa viagem pelo Trentino-Alto Adige/Südtirol, podemos mencionar Canale como ícone representativo da região como um todo: pobre, abandonado, decadente, teimou no entanto em permanecer vivo, e é hoje o exemplo da tenacidade de sua gente forte e rija como a rocha de suas montanhas.



A charmosa Rovereto, que recebe turistas principalmente por abrigar o Museo Storico Italiano della Guerra



Bolzano, a província da região onde predomina a língua alemã





Período da manhã: das 08:00 às 9:30 horas

Período da tarde: das 14:30 às 16:00 horas

Período da noite: das 19:00 às 20:30 horas

Dias: 2ª e 4ª-feira, ou 3ª e 5ª-feira

Curso regular completo: 6 estágios (2 por ano)

2 Básicos • 2 Intermediários • 2 Avançados



CURSO DE LÍNGUA ITALIANA

1º Quadrimestre: de março a junho

2º Quadrimestre: de agosto a novembro

Valor do quadrimestre: em 4 parcelas mensais

Isenção de matrícula

Máximo de alunos por sala: 12

Qualificação: Certificado de Conclusão



Um mundo em constante transformação

Por Silvana Leporace – Coordenadora do Serviço de Orientação Educacional do Colégio Dante Alighieri

As rápidas transformações sociais influenciam na formação e nos valores do ser humano, e tudo isso gera inúmeras inquietações e reflexões diárias. Hoje, tudo é muito temporário.

Muitas perguntas surgem, e atrás de cada resposta, novos questionamentos. O que realmente é essencial para nós? O que é importante buscarmos? Como deixarmos a nossa marca no mundo?

Essas indagações estão sempre muito presentes nas colocações do admirável professor Mário Sérgio Cortella, filósofo, mestre e doutor

em Educação pela PUC-SP, onde também é professor titular, com docência e pesquisa no Departamento de Fundamentos da Educação e da Pós-Graduação em Educação (Currículo), tendo atuado por 32 anos também no Departamento de Teologia e Ciências da Religião.

Foi Secretário Municipal de Educação em São Paulo entre 1991 e 1992 e é autor, entre outros livros, de *Não espere pelo epitáfio: provocações filosóficas*; *Não nascemos prontos!*; *A escola e o conhecimento*; *Qual é a tua obra? Inquietações propositivas sobre gestão, liderança e ética*.

Dante Cultural: Gosto muito da sua colocação: “A vida é muito curta para ser pequena”. Como podemos sensibilizar, especialmente nossos jovens, para que percebam isso?

Prof. Cortella - É preciso que nossos jovens ultrapassem a reduzida percepção de que é preciso fazer tudo agora, ao mesmo tempo, de uma vez, isto é, “aproveitar a vida” como sinônimo de viver apenas o momento presente. Vida humana é história pessoal, e história é tempo que também tem futuro; como disse Pierre Dac, “o futuro é o passado em preparação”, e a grande pergunta é “qual passado queremos ter daqui a trinta, quarenta anos”?, ou seja, qual será a nossa herança, nosso legado e nossa vivência experimentada e partilhada? Viver o presente não descarta pensar o futuro para edificar o passado que será nossa marca individual! Quando Benjamin Disraeli afirmou ser a vida muito curta para que a apequenemos, indicou que uma vida pequena é aquela vivida de forma banal,

fútil, superficial, medíocre. Por isso, sensibilizar jovens para a recusa ao viver apequenado é levá-los a refletir sobre o perigo da mediocridade. Medíocre não é a pessoa que não consegue ser famosa; medíocre é a pessoa que não se torna importante, ou seja, que não é levada para dentro (importada) das outras pessoas como alguém que, quando deixar de viver, fará muita falta.

Dante Cultural: “Mudar é complicado. Acomodar é perecer” é uma reflexão de grande importância, especialmente nos dias de hoje. Gostaria que você comentasse.

Prof. Cortella - Uma das grandes dádivas que temos é não nascermos prontos; somos capazes de nos inventar, reinventar, fazer e refazer, em uma vida que não precisa ser marcada pelo automatismo e pela conformidade. Uma das bandas de rock mais importantes da história, os Rolling Stones, completa 50 anos (meio século!) em 2012, e mantém vitalidade e renovação. Não

é casual que tenham tirado a inspiração para o nome da banda de uma música do mestre do blues Muddy Waters (considerado o primeiro a usar a guitarra elétrica, uma inovação); este gravou em 1950 “Rollin’ Stone” e nela um verso lembrava que “pedras rolantes não criam musgo”, não ficam com limo, sinal de imobilidade e inércia. Assim, é necessário ser flexível, mudar quando a situação assim exigir, em vez de fincar âncoras na comodidade da repetição; ser flexível, porém, é diverso de ser volúvel, pois este muda por qualquer vento que bate, enquanto o flexível tem raízes mas não deixa de se mover para além do óbvio. Em um mundo de mudanças velozes, de fato acomodar-se é perecer ou ficar ultrapassado.

Dante Cultural: A tecnologia está presente no dia a dia de todos nós. Tendo em vista que sua evolução provoca mudanças significativas e constantes em nossas vidas, como você vê o uso dessa ferramenta desde muito cedo pelas crianças, influenciando de forma direta na educação e na formação de valores?

Prof. Cortella - Há duas gerações convivendo na família, na escola, no trabalho: os nativos digitais (com idade inferior a 30 anos) e os migrantes digitais. Essa convivência não é pacífica, dado que dá ocasião para um embate entre a informatofobia (o horror às novas tecnologias) e a informatolatria (a adoração das plataformas eletrônicas). Ambas as posturas estão equivocadas; nem o mundo digital deve ser demonizado e nem deve ser entronizado. Não é a tecnologia que torna uma mente moderna; é que uma mente moderna não recusa tecnologia quando ela é necessária, e ela o é em inúmeros momentos e não o é em tantos outros. Muitas pessoas têm obsessão tecnológica e toda obsessão é doentia; se alguém passa, por exemplo, 18 horas por dia na internet, está adoentado, e o mesmo vale se passasse as mesmas 18 horas estudando filosofia (minha área). Insisto: toda obsessão é doentia! Contudo,

sem descartar a relevância das plataformas digitais, é urgente que eduquemos as crianças a terem uso sem dependência. Alguns diriam ser impossível, por elas já “nascerem plugadas”. Não é sempre assim; ofereça para uma criança, na areia da beira do mar, um baldinho e uma pазinha, e veja se ela não ficará horas brincando sem que precise transformar átomos em bits...

Dante Cultural: Embora a família e a escola sejam de extrema importância na formação do indivíduo, não podemos deixar de citar a mídia como um fator de grande influência. Ela não apenas nos informa a respeito das mudanças, mas

também atua cada vez mais parcialmente nelas. De que modo essa influência pode ser administrada por nós com mais senso crítico?

Prof. Cortella - Toda instituição social (família, escola, mídia, empresas, igrejas etc) tem uma ação que é simultaneamente inovadora e conservadora; em outras palavras, conserva condutas e valores e, ao mesmo tempo, é capaz de inovar atitudes e percepções. É exatamente esse movimento que evita rupturas bruscas na nossa convivência,

“Quando Benjamin Disraeli afirmou ser a vida muito curta para que a apequenemos, indicou que uma vida pequena é aquela vivida de forma banal, fútil, superficial, medíocre. Por isso, sensibilizar jovens para a recusa ao viver apequenado é levá-los a refletir sobre o perigo da mediocridade. Medíocre não é a pessoa que não consegue ser famosa; medíocre é a pessoa que não se torna importante, ou seja, que não é levada para dentro (importada) das outras pessoas como alguém que, quando deixar de viver, fará muita falta.”

sem deixar de alterar essa mesma convivência. Nessa direção, cabe à parceria família/escola desenvolver atividades que auxiliem crianças e jovens a não se alienarem ou se iludirem com os conteúdos e temas aos quais são expostos, e a melhor maneira de fazer isso é introduzir nos diálogos a “suspeita sistemática”, sem que se aproxime da paranoia ou da descrença militante. Quando da audiência de um programa de TV, da navegação em um site, da leitura de um livro, urge abrir espaço para a dúvida e a reflexão que procurem os fundamentos de verdade ali contidos, em vez de se consolar com as aparências do que se afirma ou mostra. A mídia não é adversária sempre, mas também não é aliada incondicional.

Dante na imprensa

Arquivo Centro de Memória CDA



Marcio Freitas

O Colégio sempre foi destaque nos veículos de comunicação, em várias fases de sua história centenária. Acima, um coral de alunos na gravação do programa *Nossa Juventude*, da TV Paulista, em 1965. Ultimamente, as aparições na imprensa estão cada vez mais frequentes. A última, entre as mais marcantes, foi a gravação do programa *Globo Esporte* em estúdio móvel montado dentro de um ônibus. O programa foi transmitido ao vivo do estacionamento do Colégio, pelo apresentador Tiago Leifert e pelo comentarista esportivo Caio Ribeiro.

CONHEÇA O MUNDO MÁGICO DO

PEEKABOO

E SUAS NOVIDADES EM 2012!!!

Unidade Jardins
Rua Manuel da Nobrega, 498
Jardins Tel.: 3051-7828

JARDINS

Elevador Discovery
Discoteca Completa
Cama Elástica
Barco Vicking
Carrossel
Air Boy
Trem Bala
Super Parede de Alpinismo
Games (jogos em rede)
Super Brinquedão com área baby
Lanchonete Infantil
Palco com Camarim
Casinha do Macaco
Dardo Eletrônico
Máquina de Dança
Área Zooopa
Painel Temático com sons de bichos
Super Tombo
Street Ball
Miniquadra de Futebol
Autorama
e muito mais...

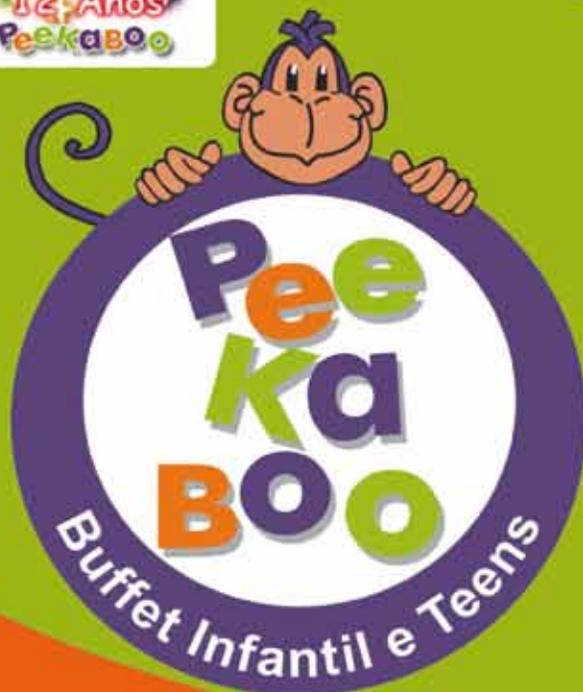


Unidade Higienópolis
Rua Bahia, 764 Higienópolis
Tel.: 3661-7640

HIGIENÓPOLIS

Barco Vicking
Games / Air Boy
Máquina de Dança
Mono Rail
Cama Elástica
Área Teens
Lanchonete Infantil
Casinha do Macaco
Parede de Alpinismo
Carrossel
Dardo Eletrônico
Games (jogos em rede)
Super Brinquedão com área baby
Super Tombo
Espelho Mágico
Street Ball
Snow Board
Miniquadra de Futebol **em buffe**
Simulador Wii Play
Autorama
e muito mais...

12 Anos
Peekaboo



MOEMA

Simulador Wii Play
Simulador última geração (12 jogos)
Games última geração (1300 Jogos)
Super Brinquedão com área baby
Parede de Alpinismo Eletrônica
La Bamba - super novidade
Lanchonete Infantil
Camarim de Fantasias
Elevador Discovery
Casinha de Boneca
Carrossel
Dardo Eletrônico
Cama Elástica
Roda Palhaço
Lan House
Super Tombo
Street Ball
e muito mais...



Unidade Moema
Av. Moema, 414
Moema Tel.: 5051-1818

Alimentação e
procedimentos com
supervisão de
nutricionista

ITAIM

Games última geração (1300 jogos)
Simulador Wii Play
Simulador última geração (12 jogos)
Lan House
La Bamba - super novidade
Boliche Eletrônico
Cama Elástica
Games / Air Boy
Super Brinquedão com área baby
Lanchonete Infantil
Casinha de Boneca
Máquina de Dança
Vitrine Animada
Carrossel
Super Tombo
Street Ball
e muito mais...



Unidade Itaim
Rua Dr. Alceu de
Campos Rodrigues, 174
Itaim Bibi Tel.: 3845-3006

www.buffet **Peekaboo** .com.br

18 Anos de Tradição

Um Clássico Italiano Paulistano

PAZIO



Rua Horácio Lafer 533, Itaim Bibi
Delivery: 3078 0028 tel: 3078-5775

 facebook.com/spaziogastronomico

 twitter.com/spaziogastro